

CEDI - P. I. B.
DATA 22/09/88
COD. MK D 15

"DINÂMICA  
DEMOGRÁFICA  
MAXAKALI  
NA  
SITUAÇÃO  
DE  
CONTATO"

- Relatório de pesquisa.

*Cleonice Pitangui Mendonça*  
Cleonice Pitangui Mendonça

## SUMÁRIO

No presente trabalho busca-se entender a questão da dinâmica demográfica e a reprodução social Maxakali em seus determinantes internos e externos, face a situação de contato provocada pelas frentes de expansão econômica da sociedade brasileira desde a colônia até nossos dias em terras de Minas Gerais, Espírito Santo e Bahia.

Para 1984, ano de realização da pesquisa, encontrou-se uma estrutura demográfica em forma de pirâmide muito achatada, com grande concentração na base, o que seria um reflexo dos problemas que esta população indígena enfrenta para conseguir estabilizar-se frente aos desafios propostos pelos segmentos com os quais tem mantido contato, e, à assistência da FUNAI.

A alta fecundidade, as características de sua estrutura social, as reinterpretações das regras de matrimônio que introduz, e, os reagrupamentos constantes dos vários grupos componentes da etnia Maxakali mais ampla, - transcorridos no decorrer da sua história -, seriam atestatórios de uma vontade muito grande de sobrevivência enquanto corpo físico e social.

#### AGRADECIMENTOS

Aos estagiários Marcelo Dorofeef, Sandra Frossard Urbano, Márcia Cristina Delgado e Bernadete pelo trabalho no campo e na coleta de dados no Arquivo Público Mineiro, Museu do Índio - RJ, Arquivos da FUNAI - PI Maxakali, jornais e bibliotecas de Teófilo Ottoni.

Ao Serginho, pela tabulação dos dados para computador.

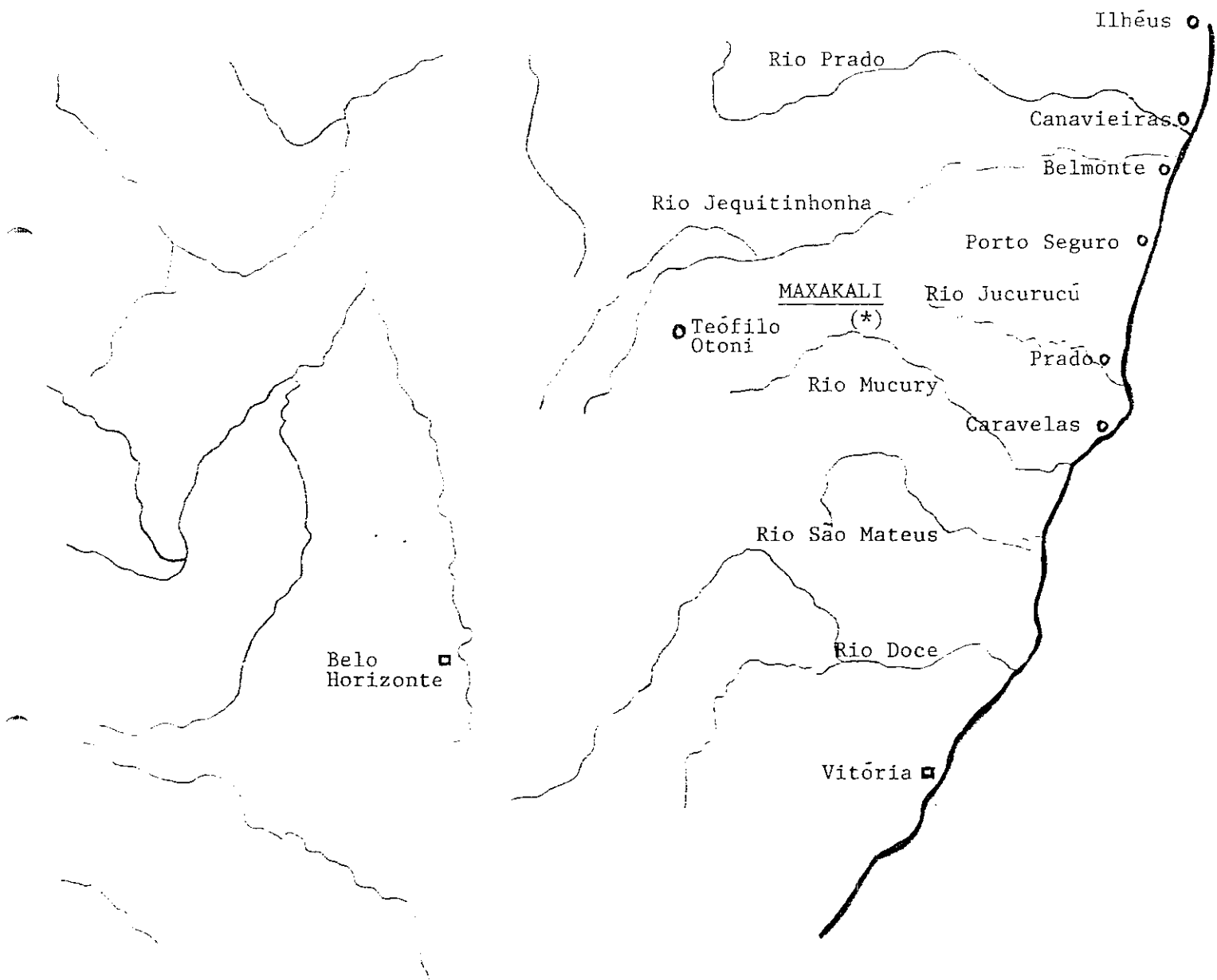
A José Eustáquio Diniz Alves, Délcio Fonseca Sobrinho e Maria Inês pela assessoria demográfica.

A Donald Sawyer e Haydn Pimenta do CEDEPLAR/MG pelo apoio constante.

À ABEP - Associação Brasileira de Estudos Populacionais, ao CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e Secretaria de Cultura do Estado de Minas Gerais, pelos financiamentos que tornaram possíveis a pesquisa, à Secretaria do Trabalho do Estado de Minas Gerais a viabilização do retorno ao campo.

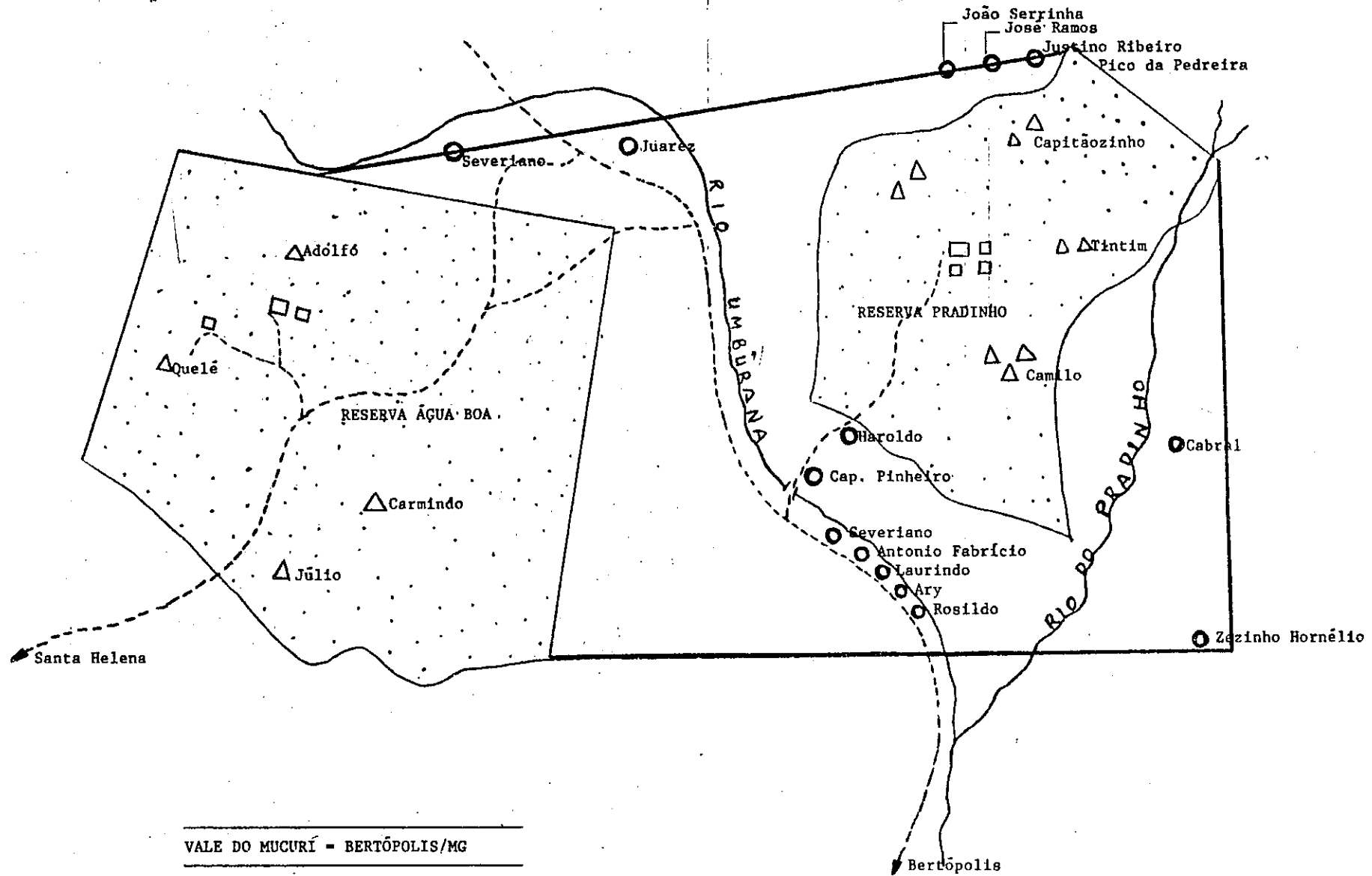
Finalmente, à Maria do Carmo Vieira da FIPLAN/AL, sem cuja ajuda estes dados não teriam vindo à mostra.

Maceió, julho/agosto de 1988.



Área de circulação dos Maxakali em Minas Gerais, Espírito Santo e Bahia.

(adaptado de Popovich, Frances Block - "The social Organization of the Maxakali, 1980, p. 9)



VALE DO MUCURÍ - BERTÓPOLIS/MG

RESERVA MAXAKALI

- △ ALDEIAS
- FAZENDAS
- CASAS DA FUNAI
- ▤ LIMITES ATUAIS
- ▬ ÁREA REIVINDICADA


Í N D I C E

1. INTRODUÇÃO . . . . .	01
2. OBSERVAÇÕES METODOLÓGICAS. . . . .	03
3. RELAÇÕES DE CONTATO E OCUPAÇÃO DO ESPAÇO	
3.1 - Da colônia ao século XX. . . . .	07
3.2 - O último aldeamento. . . . .	13
3.3 - A ação do órgão protecionista. . . . .	15
4. A DINÂMICA POPULACIONAL E REPRODUÇÃO SOCIAL	
4.1 - Pirâmide Etária . . . . .	22
4.2 - Estrutura etária por sexo. . . . .	22
4.3 - Razão de dependência. . . . .	26
4.4 - Natalidade. . . . .	28
4.5 - Fecundidade. . . . .	28
4.6 - Fecundidade específica por idade. . . . .	35
4.7 - Fecundidade total. . . . .	35
4.8 - Parturição. . . . .	35
4.9 - Mortalidade. . . . .	39
5. ANÁLISE. . . . .	40
6. CONCLUSÃO. . . . .	49
7. NOTAS. . . . .	54
8. GLOSSÁRIO. . . . .	66

VI  
R

"... as pesquisas etnográficas deverão ser projetadas de modo a incluir sempre uma preocupação específica com os problemas de sobrevivência das populações tribais. Isto significa que devemos incorporar na temática das pesquisas etnológicas, como problemas tão relevantes quanto o estudo da mitologia, do sistema de parentesco e tantos outros, a investigação meticulosa da estrutura demográfica, do grau de natalidade, do índice de fertilidade. (...) Esta perspectiva, além de levar a Etnologia a se interessar mais pelo destino dos povos que são seu objeto de estudo virá beneficiar as pesquisas etnológicas, emprestando-lhes maior acuidade, porque, não sendo nenhum grupo, nem mesmo o mais isolado, inteiramente inde-ne de influência da civilização, eles só podem ser devidamente compreendidos, se se tiver em vista esta circunstância".

Darcy Ribeiro



## 1. INTRODUÇÃO

Propusemo-nos entender a dinâmica demográfica e a reprodução social do grupo Maxakali em seus determinantes internos e externos. Para tal, após um levantamento de suas características históricas e culturais, disponíveis à época da formulação do projeto, caracterizamo-lo como uma população aberta, onde o saldo migratório deveria ser positivo, pois apenas o crescimento vegetativo não explicaria as altas taxas de crescimento da população que havíamos encontrado para o período de 1939-1976, e, que iam desde 1,4% a 12,5%. (1)

Perguntamo-nos, também, até que ponto o Maxakali teria miscigenado-se com a população nacional, pois na literatura, havia uma percepção de miscigenabilidade, dado o trânsito livre de nacionais na área da reserva, particularmente na década de 60, e, também, até que ponto o crescimento populacional era compatível com o espaço restrito em que a tribo produz e se reproduz.

Por último, queríamos saber que políticas influenciaram a dinâmica populacional, e quais políticas requereria. Utilizando a pesquisa histórica, que deu origem inclusive a um outro trabalho: "Levantamento etno-histórico dos indígenas de Minas Gerais", (2) pudemos levantar a situação espacial do grupo desde a colônia até os nossos dias o que nos permitiu caracterizar a questão migratória na perspectiva histórica deste grupo específico, com reflexos na sua dinâmica demográfica e sobrevivência até os nossos dias.

Por um outro lado, a miscigenação mostrou-se quase negativa, demonstrando a insistência Maxakali - ou melhor dizendo, dos que



sobreviveram até nossos dias -, em permanecer como um grupo diferente face à sociedade nacional, o que também é explicável historicamente em relação aos seus agrupamentos que existiram desde a colônia em terras de Minas Gerais, Espírito Santo e Bahia.

À pergunta se o espaço tribal seria compatível ou não com o crescimento populacional, este dado não foi trabalhado diretamente, mas talvez, a pergunta final que formulamos sobre a FUNAI, responda indiretamente à questão.

As políticas que influenciaram a dinâmica populacional, são as características do encontro dos indígenas situados em terras do Brasil com as frentes de expansão desta sociedade, também da colônia aos nossos dias, adquirindo colorações específicas às realidades históricas das diferentes regiões que compõem o país, e singularizando-se mais ainda a partir da criação do posto indígena do ex-SPI, atual FUNAI, que regerá as relações dos índios com a sociedade envolvente, podendo estas serem visualizadas segundo óticas diferentes se enfocadas sob o prisma dos "nacionais", ou dos indígenas.

Da perspectiva Maxakali, constatamos uma resistência "(...) surda, obstinada, serena e ao mesmo tempo violenta",<sup>(3)</sup> que lhes garante a sobrevivência física e cultural até nossos dias, diante de políticas inoperantes e ineficazes que não levam em consideração o ponto de vista indígena.

Em 1984, vamos encontrar uma população de 516 indivíduos, residindo numa área descontínua de aproximadamente 3.440,00 ha, composta pelos aldeamentos de Água Boa e Pradinho, situados no município de Bertópolis, nordeste de Minas Gerais.

## 2. OBSERVAÇÕES METODOLÓGICAS

Queríamos, dando continuidade à introdução, falar um pouco das condições da pesquisa.

Em primeiro lugar, porque uma pesquisa realizada em 1984 só é concluída em 1988.

Ao idealizarmos o projeto, pensamos num trabalho interdisciplinar entre antropólogo e demógrafo. Por uma série de razões que talvez não venha ao caso enumerar, o trabalho inviabilizou-se várias vezes após o retorno do campo. Provavelmente, o mais importante tenha sido a falta de verba para pagamento de uma assessoria. A antropóloga, viu-se sem condições de realizar a análise no que se referia aos dados quantitativos e demográficos.

Agora, em Maceió, com o apoio de uma socióloga da Fiplan-Alagoas, órgão do Estado, tornou-se possível a realização da conclusão da pesquisa iniciada em Belo Horizonte.

Deve-se esclarecer, que a socióloga não possui os conhecimentos de um especialista da área de demografia, mas assumimos a posição de que os dados não deveriam se perder, e que ao final poderíamos conseguir algum resultado positivo, independente da precisão estatística.

Por outro lado, sofremos da carência de uma bibliografia da qual tínhamos conhecimento, mas que infelizmente permaneceu em Belo Horizonte. Parte dela, foi recuperada já ao final do presente relatório.

Gostaria de fazer algumas considerações metodológicas.

Apesar da demografia indígena parecer a um antropólogo um assunto interessante a ser explorado, pode não ocorrer o mesmo em relação a um demógrafo (descontada a situação de não pagamento), pelo fato dos dados estatísticos serem mínimos em relação a um agrupamento indígena.

Recordo-me que das várias reuniões de que participei com demógrafos para estudarem a possibilidade de trabalharem na pesquisa, era invariavelmente levantada a questão numérica, um universo de 516 indivíduos quando normalmente trabalham com milhares e milhões. Como calcular e verificar a confiabilidade dos dados para um universo tão restrito?

Por outro lado, estava embutida a meu ver, a questão da maneira como formulou-se o questionário, o que levou em certas perguntas a um alto índice de não resposta e não sabe.

Risco até certo ponto previsível e que serviria a meu ver, para demonstrar a inadequabilidade de perguntas formuladas segundo uma ótica "ocidental".

Não tivemos assessoria para demografia no campo. A antropóloga e os estagiários que a acompanharam, reformularam as perguntas dentro do conhecimento que foram adquirindo da língua e da cultura no curto período em que estiveram no campo, por volta de três meses em períodos intercalados: dois meses e meio na primeira vez e quinze dias na segunda.

Acrescente-se a este dado, a desconfiança Maxakali em relação aos pesquisadores. Estão cansados de pesquisadores e pessoas que lhes prometem resolver os seus problemas e desaparecem, e, também, atravessavam um período conturbado com um assassinato indígena recém-acontecido.

A desconfiança, a meu ver, se desfez por completo, quando viajamos e participamos com eles do "I Encontro Indígena, Mineiro".

Devo creditar ainda, como viabilização da pesquisa, o trabalho dos estagiários Sandra e Marcelo, que souberam desde o início, estabelecer uma relação mais a nível da emoção do que da pesquisa teórica, o que nos possibilitou trafegar no mundo Maxakali em meio às relações tensas que os indígenas vivem com os vários segmentos da sociedade regional e nacional que os cercam.

Descobrimos, só agora, no momento desta análise final, que não foi colhido nenhum dado específico que possibilitasse medir efetivamente a questão da mortalidade.

Entretanto, utilizando alguns dados colhidos nos arquivos do posto indígena da FUNAI, a literatura e realizando certas inferências em relação aos dados como um todo, acreditamos ser possível ter uma visão dos efeitos da mortalidade sobre a dinâmica demográfica Maxakali.

Optamos, ainda, eu e a socióloga que me assessora nesta etapa final, em realizarmos uma análise onde daríamos uma visão estática dos dados quantitativos - para o ano de realização da pesquisa -, um instantâneo, como diria Ribeiro,<sup>(4)</sup> ficando a diacronia por conta dos dados históricos levantados.

Tenho em mãos dados quantitativos recolhidos para o decorrer da história Maxakali e para um certo período do SPI e FUNAI. Apesar de considerá-los precários, gostaria de haver realizado alguma análise demográfica dos mesmos, o que não foi possível no momento. Talvez possam ser utilizados em trabalhos posteriores

sobre demografia histórica e alguma análise sobre como a questão demográfica é trabalhada pelo órgão de proteção. (5)

Voltando à questão da análise, não nos detivemos em considerações teóricas e de métodos quanto à confiabilidade e validade dos dados coletados - o que preocupava aos demógrafos com os quais estive em contato -, pois inviabilizaria o presente relatório, pelo prazo final para a entrega dos resultados da pesquisa.

Acredito que o presente trabalho é um começo, modesto, mas um começo, de se pensar ou repensar numa antropologia e demografia indígena preocupada com o destino das populações estudadas, como o queria o precursor Ribeiro, desde a década de 50.

### 3. RELAÇÕES DE CONTATO E OCUPAÇÃO DO ESPAÇO.

#### 3.1 - Da colônia ao século XX.

Segundo Ribeiro e Ottoni<sup>(6)</sup>, os Maxacali figuravam entre os habitantes da costa, já no tempo da descoberta.

Dali, teriam nos primórdios da colonização, iniciado um processo de interiorização em decorrência das guerras com os tupiniquins<sup>(7)</sup>. Em consequência de levantamentos históricos realizados por vários pesquisadores<sup>(8)</sup>, podemos situar a história dos Maxacali ocorrendo em terras que cobrem os Estados de Minas Gerais, Espírito Santo e sul da Bahia, tendo como marcos geo-hidrográficos "o rio Jequitinhonha ao Norte, o São Mateus ao sul, o Atlântico a Leste e o meridiano de 41<sup>o</sup>30' a oeste"<sup>(9)</sup>.

Por volta da segunda metade do Séc. XVIII, Nimuendajú levanta a hipótese da retirada de parte deste agrupamento até a beira-mar. O motivo deste recuo, seria a expansão dos Botocudos - provocada pela perda de territórios originais motivada pela frente mineradora. Em 1786, 120 membros desta tribo teriam submetido-se em Porto Alegre, na foz do Mucuri, estando em 1789 junto aos Macuní parentes próximos de língua perto de Caravelas.

Em 1801, ainda segundo Nimuendajú, há uma nova retirada da costa até Tocoyos, no Baixo Jequitinhonha, onde permaneceram até 1804<sup>(10)</sup>. Saint-Hilaire esclarece que somavam 20 a 30 indivíduos, sendo apontado como motivo da depopulação a mudança de clima, funesta aos indígenas<sup>(11)</sup>.

De 1810 a 1820, teriam aldeado-se junto à povoação de São Miguel, sede da 7ª Divisão de Tropas da Capitania de Minas Gerais, trazidos pelo Comandante Julião Fernandes Leão, para auxiliá-lo na guerra contra os Botocudos<sup>(12)</sup>. Este comandante, além de haver utilizado os indígenas para as atividades de guerra, fê-los trabalhar em serviços domésticos, na coleta de poaia, na agricultura e como remadores. Além, portanto da escravidão, suas mulheres eram perseguidas pelos outros soldados, motivo de sua retirada para a Ilha do Pão, onde foram visitados em 1817 por Saint-Hilaire. Somavam 100 indivíduos<sup>(13)</sup>.

Em 1818, Pohl encontra-os ainda mais longe, na boca do Ribeirão Prates, que lhes foi doado como sesmaria pelo Comandante Julião<sup>(14)</sup>. Pressupõe-se, pelos dados históricos, que aí ter-se-ia formado um aldeamento que tomou o nome de Farrancho, atual Vila Guarani. Este existiu até fins do século passado e, pressionados pela expansão demográfica dos neo-brasileiros, os indígenas retiraram-se rumo leste, para o Ribeirão do Rubim do Sul. Ali, a aldeia localizou-se na margem esquerda, pouco acima da Vila União. Os poucos que permaneceram em Farrancho, morreram ou se misturaram aos neo-brasileiros<sup>(15)</sup>.

No Rubim do Sul, foram encontrados em 1917 pelo Tenente Henrique, que lhes tomou as terras, demarcando-as. Diante da recusa dos Maxacali em abandonarem o seu território, o Tenente recorreu às armas e matou uma dúzia de indivíduos. Os indígenas dispersaram-se, indo posteriormente procurar abrigo entre os habitantes das cabeceiras do Itanhaém<sup>(16)</sup>.

Estes habitantes do Itanhaém, seriam uma outra parte da tribo que se mantivera no interior em relativa independência, lutando apenas com os Botocudos<sup>(17)</sup>. Deles, temos notícias em 1816

pelo Príncipe von Newied, que relata o seu encontro com uma pequena aldeia de "Machacari" no baixo Jucururu<sup>(18)</sup>.

Em 1911, o inspetor do S.P.I, engenheiro Alberto Portela, relata o seu encontro de um aldeamento na região, formado por seis ranchos irregularmente dispostos, sob a chefia do Capitão João. Menciona, ainda, a existência de mais dois aldeamentos próximos, chefiados pelos capitães "Soldado" e Antônio<sup>(19)</sup>.

Por volta de 1918, o engenheiro Apolinário Frot encontra a Aldeia Grande, nas margens do córrego Umburana - para os Maxacali atuais, este é o seu ponto de referência espacial e cultural mais antigo, em termos de história recente.

Existem duas versões para a existência da Aldeia, a indígena e a brasileira. Na primeira, antes da pressão demográfica recente atuar sobre o território, os indígenas possuíam várias aldeias, tendo sido dizimados por uma forte epidemia de varíola que forçou-os a recuarem até às margens do Umburana. Para uns, os sobreviventes somavam uns 10 indivíduos, quando para outros, 15. Na segunda versão, os indígenas possuíam quatro aldeias espalhadas na região<sup>(20)</sup>. Uma epidemia de varíola dizimava-os, obrigando-os a reunirem-se à margem do Umburana. Ali, um outro surto, de sarampo, reduz novamente a população.

Este aldeamento, terminadas as epidemias, acrescido dos indígenas que se transferiram do Rubim do Sul após os conflitos com o Tenente Henrique em 1917 e acrescido provavelmente de outros contingentes populacionais Maxacali<sup>(21)</sup>, é o único grupo sobrevivente, dos vários que habitaram a região de três Estados: Minas Gerais e Espírito Santo, entre os rios Jequitinhonha e São Mateus, e o litoral sul da Bahia.



Quando Nimuendajú os visita em 1939, somavam 120 a 140 indivíduos e ocupavam um território contínuo situado "em ambas as margens da Água Boa que despeja no Ribeirão do Norte; afluente também do Itanhaém, que corre paralelo ao Umburana e a oeste dele. Este território (...), mede uns 12 Km de NE a SO, e uns 10 de NO a SE." Consideram-se também como suas terras, desde tempos antigos, a região que habitavam nas cabeceiras do rio Itanhaém, pela margem esquerda. (22)

Temos discutido até o momento a história Maxakali, como se tivesse sido linear e correspondente a dois agrupamentos situados um no Jeguitinhonha, e outro, mais interiorano, situado às margens do Itanhaém. Segundo nos aponta Rubinger, os Maxakali seriam mais propensos ao nomadismo, e vários grupos teriam vagado pela região dos três estados apontada por nós. (23)

Entretanto, uma outra parte da bibliografia nos direciona para aldeias mais estáveis, com residências familiares permanentes, o que parece ser corroborado pelo fato de que o aldeamento no Farrancho, com outros desdobramentos, é certo, teria sido uma história ininterrupta até 1917 ou seja, um século, se tomamos como referência a data inicial entre 1810 e 1820. (24)

Por outro lado, o aldeamento do Itanhaém e baixo Jucurucu, também teria sido mais estável pelo seu isolamento, buscando a fuga e resistência a um processo de desagregação dado pelo contato com os portugueses, neobrasileiros e finalmente brasileiros.

Enfim, como os dados históricos são relativamente profícuos em termos de datas e locais de estada dos Maxakali na região apontada, torna-se difícil uma posição mais clara, no momento

atual da pesquisa, de qual teria sido o fluxo real em função de que agrupamento ocupava qual região e em que data.; Mesmo porque, isto envolveria uma pesquisa antropológica que à época não interessava aos historiadores, militares, governantes, missionários ou quaisquer pessoas que com eles entrassem em contato. O certo, é que eram vários, e transitando pela vasta região já apontada.

Os dois tipos de agrupamentos relatados historicamente servem, a meu ver, como corolário de uma situação real, que houve, de grupos Maxacali que se relacionaram mais estreitamente com o homem branco, e outros que preferiram fugir a este relacionamento - possibilitando desta forma a existência dos Maxacali atuais, com um sistema social e cultural relativamente intacto. A bibliografia é clara a respeito das duas possibilidades: de maior contato, com interdependência de relações que levava à extinção ou dispersão e de fuga ao mesmo.

O pano de fundo para entender a história do contato inter-tribal e com a sociedade nacional deve ser pensado em função da economia nacional e suas várias fases, condicionando o relacionamento ecológico, biótico e social, que afetará a situação geográfica e demográfica dos indígenas brasileiros.

A primeira compulsão sofrida pelos Maxacali, será a da economia açucareira que iniciando o processo de colonização do país, extingue ou pressiona várias tribos brasileiras a se deslocarem para o interior.

Os Maxacali refugiando-se na Cordilheira das Esmeraldas, vão ser encontrados nos séculos XVII e XVIII, pela frente de expansão mineradora, com a qual ainda lutam aguerridamente.

Sendo o século XVIII o da ocupação do solo por parte dos portugueses e neo-brasileiros, obviamente o espaço geográfico no qual situavam-se as tribos entre o Alto Jequitinhonha até Belmonte ou Prado na Bahia, sofre restrição, motivando guerras inter-tribais pelo território. A pressão maior é a dos Botocudos, como os dados várias vezes nos apontam.

Por parte dos colonizadores, vão sofrer além da perda de terras, grande extermínio<sup>(25)</sup>, tráfico de indígenas como escravos<sup>(26)</sup> e surtos de doenças motivadas por transferência de habitat - como no caso da mudança de Caravelas para Tocoyos em 1801 -, ou então por ação voluntária e involuntária dos colonizadores, para reduzir-lhes o contingente populacional e consequente liberação das terras.

Para garantir a posse e exploração da terra, criam-se Divisões Militares, as quais estabelecem relações ora conflituosas ora interdependentes com os indígenas, resultando esta última, em situações de exploração e abuso por parte dos militares, o que provoca nos indígenas, em alguns momentos, a busca da autonomia anterior, sendo reprimidos em alguns casos até com a morte.

A ação missionária que se inicia por volta de 1810, com o Padre José Pereira Lidoro<sup>(27)</sup>, no distrito de São Miguel, foi pautada, a meu ver, pela visão de "civilizar" (tornar não índio), enquanto os aldeamentos funcionavam como uma tentativa de circunscrever aos indígenas dentro de um espaço físico procurando garantir tranquilidade e estabilidade à tarefa da colonização. Aí também, os indígenas eram vítimas de doenças, provocadas ou não, além de conflitos com neo-brasileiros, que lhes reduziam o contingente populacional.

As missões, assim como as divisões militares, serviam para instaurar a ordem e a civilização em processos de ocupação desordenados.

Esta trajetória foi a experimentada pelos vários agrupamentos Maxacali existentes que acabam se extinguindo após os acontecimentos do Rubim do Sul. Sobrevivem apenas como já foi mencionado, os que se recusaram a este contato mais sistemático<sup>(28)</sup>, cuja história se desenrola no século atual e que veremos no próximo item.

### 3.2 - O último aldeamento.

O primeiro contato dos indígenas da região do Umburanas com os habitantes do povoado São Sebastião do Norte, atual cidade Machalis, efetua-se em 1914, pelas mãos de um funcionário do governo Joaquim Fagundes Martins<sup>(29)</sup>.

Este, tendo convivido com os indígenas, conquista-lhes a confiança e inicia um processo de venda ilegal das terras a posseiros que já as ocupavam e outros que passam a ocupá-las. As primeiras terras a serem vendidas foram as da localidade denominada Umburana, incluindo o trecho que atualmente divide as aldeias em duas glebas, onde estava situada a Aldeia Grande. Como consequência, forma-se-ã dois agrupamentos, o de Água Boa e Pradinho, que acabam também sendo vendidos por Fagundes.

Os indígenas resistem ao esbulho praticando onda de assaltos para lograrem sobreviver onde não mais podem caçar e plantar.

Para evitar os conflitos, Fagundes leva-os para o Sul, para a localidade de Água Preta. Ali, contraindo malária, retornam até onde permanecera Mikael - o homem mais velho da tribo. atualmente -, e sua família extensa (30).

Não podendo permanecer na área, pelos problemas criados tanto com os índios, quanto com os posseiros, Fagundes retira-se, deixando que os donos da terra e os compradores se entendessem como quisessem.

Por outro lado, começaram a ser embriagados sistematicamente pelos seus vizinhos, que também aproveitavam sexualmente das mulheres (31).

Durante o tempo entre a saída de Fagundes até a criação do posto, por volta de vinte anos, os indígenas contaram com a simpatia de um chefe político local, João Silva, que não só impediu-lhes o esbulho da terra, como também tentou evitar a venda e distribuição gratuita de cachaça (32).

Entretanto, segundo Moretzohn, citado por Rubinger: "A região foi povoando e as matas foram transformadas em terras de pastagem. Os próprios índios, convencidos pelos civilizados, andaram plantando suas "mangas" (pastos). Alguns chegaram a possuir algumas cabeças de gado, que logo perderam. O próprio comércio de poaia e peles teve início então e durou até o quase desaparecimento total das matas. Data da queda deste comércio a instalação do Posto". (33)

Em 1940, cria-se o Posto Indígena Engenheiro Mariano de Oliveira, sendo as terras de Água Boa demarcadas, ficando as de Pradinho fora da medição, não sendo também abrangida uma área de 500 ha, fronteira à sede do Posto e pertencente aos limites do

referido aldeamento. As áreas não demarcadas, passaram a ser objeto de cobiça por pessoas que as requeriam ao Estado como terras devolutas (34).

Em 1956, segundo Ney Land, as terras do Pradinho foram medidas e demarcadas; no entanto o território entre ambas as aldeias - o de Umburanas e onde se localizava a Aldeia Grande - ficou de fora, sendo causa de constantes conflitos entre os indígenas e os ocupantes desta área (35).

O século XX vai caracterizando-se até a criação do Posto Indígena pelo SPI, pelo esbulho ilegal das terras, através da ação de indivíduos desonestos, que ora fazem uso da força, ora abusam da confiança depositada pelos indígenas em suas pessoas.

Há também o surto de sarampo que reduz drasticamente a população em 1910 e, em termos econômicos a penetração baiana na região, transformando a economia de agrícola a pastoril, permanecendo a primeira como atividade de subsistência. Segundo Rubinger: "Avança-se sobre os pastos do território tribal e o gado destrói as fontes de subsistência dos índios gerando intensa depopulação". (36)

### 3.3 - A ação do órgão protecionista.

Apesar de em março de 1942 a população ser de 59 indígenas, Rubinger defende o ponto de vista de que a instalação do posto e demarcação das terras contribuiu para o não desaparecimento do Maxaçali enquanto grupo, dada a: "(...) rapidez com que o território tribal começou a diminuir, reduzindo as matas de onde eles tiravam, em grande parte, a sua subsistência. (37)

Na documentação que conseguimos levantar a partir de 1955, a atitude do então SPI procurava ser a de proteção e preservação das terras indígenas, e que eram fruto de um esbulho contínuo. Tanto é assim, que em 1955, tomam-se providências no sentido da medição de mais 2.000 ha, que eram ocupados pelos indígenas, e que haviam ficado fora da demarcação de 1942 - as de Pradinho, provavelmente. A política dos civilizados era conseguir do governo de Minas Gerais, através da Secretaria de Agricultura do Estado, que as terras fossem consideradas devolutas. (38)

Em 1961, o linguista americano Popovich começa a descrever o quadro dramático em que irá encontrar os Maxacali o antropólogo Rubinger. (39)

A área do posto de Água Boa possuía uma população de não brancos de 350 indivíduos, soma esta que excedia a dos indígenas, 199, que se concentravam no Pradinho, morando apenas 20 Maxacali no posto.

A terra já havia sido arrendada para os civilizados, a educação era basicamente para as crianças não índias e a atividade de plantio já havia sido desvirtuada, dirigindo-se para a troca por objetos manufaturados. A fome grassava, e nos períodos de penúria, roubavam de índios e não índios que possuíam roças. A venda de bebidas que será denunciada em 1968 por Heloísa Alberto Torres - diretora do Departamento de Estudos e Pesquisas do SPI -, era facilmente adquirida nas bodegas, apesar da proibição de venda.

As medidas de saneamento das distorções caracterizavam-se pela sazonalidade, não se pensando numa solução de continuidade, o que também observei em 1984.

Em termos administrativos, há um descalabro total. As terras continuam a ser invadidas, não há lavoura, e o encarregado do posto é acusado de vários atos corruptos, tanto em relação aos índios quanto a seus funcionários e ao próprio SPI. Dos indígenas, chega-se ao absurdo de cobrar arrendamento àquele que possuísse roças e eram roubados escandalosamente pelos civilizados - segundo o relator -, quando não trocavam o obtido com a plantação por cachaça. (40)

Em 1966, cria-se a ajudância Minas-Bahia, com jurisdição sobre os Postos Indígenas Mariano de Oliveira (Maxacali), Guido Marlière (Krenak), Caramuru (Pataxó) e Paraguassu. A chefia é entregue ao Capitão Pinheiro, egresso de um novo setor da Polícia Militar, denominado Polícia de Vigilância Penal. Este setor criou a "Ação Cívico Social" (ACISO) em todas as delegacias da PVP em Minas Gerais, tendo como responsabilidade nesse caso, dar assistência aos indígenas especificamente através da "Operação Maxacali". Esta, se por um lado combateu o alcoolismo, reprimiu a venda de cachaça e recuperou os bens dilapidados nas administrações anteriores, por outro, realizou um trabalho paternalista de distribuição de alimentos, roupas e utensílios ao mesmo tempo em que mantinha os contratos de exploração das terras do posto num baixo nível financeiro, com o que propiciou a intrusão de fazendeiros na área trazendo-lhes em acréscimo, tranquilidade para a sua atividade de exploração.

Foi elaborado também um projeto em bases empresariais, onde o índio era elemento subsidiário, visando transformar as terras indígenas num centro de abastecimento da PM e, sobretudo, iniciou-se um processo de formação de liderança, na base de favores e de critérios de bondade e de docilidade, expurgando da aldeia elementos considerados nocivos e castigando elementos considerados indisciplinados. (41)



A perspectiva do Capitão Pinheiro era a da integração do índio à sociedade nacional, que continuará a ser seguida por seus sucessores posteriores na década de 70 e 80.

Excessões houveram em torno de uma visão que favorecia o lado indígena, cujos problemas eram vistos como decorrentes da má administração, do paternalismo, das crises motivadas pelas secas e pela fome, ou então, pela falta de percepção das características indígenas na condução dos trabalhos com os mesmos, através dos projetos de desenvolvimento comunitário que se tornaram moda na FUNAI a partir da década de 70. (42)

Entretanto, mesmo entre estes, havia quem postulasse que a solução para a "preguiça" e "desobediência" dos indígenas deveria ser: "(...) através do uso da força ou então, mudanças, na administração através do aumento do número de funcionários, para maior controle do roubo, crimes de morte (intratribal e extratribal), e a cachaçada." (43)

A perspectiva empresarial do Capitão Pinheiro terá continuidade em novos projetos que vão ser formulados em 1971, 1977, 1980 e 1981 procurando solucionar o problema da fome, saúde, educação e conflitos com fazendeiros, através da "promoção de soerguimento econômico". Pelo menos um deles, segundo denúncia de Nascimento, acabou beneficiando em sua maior parte os próprios funcionários da FUNAI pela melhoria das instalações. Tinham ainda como ponto negativo a utilização de um maquinário que, impreterivelmente, torna-se inoperante quando estragado, dado a falta de condições para reparo. (44) Isto, sempre em decorrência de uma assistência descontínua.

Por outro lado, o despreparo dos funcionários que ocupam os cargos já por si deficientes e principalmente, o despreparo da

queles que deviam manter um contato direto com os indígenas, ocasionam invariavelmente um reflexo no ritmo e avanço dos trabalhos.

A corrupção dos funcionários é uma constante, com roubos, venda de bebidas aos indígenas e até mesmo a procura de "enriquecer na profissão", (45) onde o indígena passa a ser elemento completamente secundário. Este procedimento, ocasiona uma falta de moral destes funcionários entre os indígenas, sem que tenham nenhuma ascendência sobre os mesmos.

Os fazendeiros, por seu lado, continuaram a cobiçar as terras, iniciando um trabalho de calúnias e introdução da cachaça, visando desmoralizar completamente o indígena, o que justificaria uma intervenção nas terras, nos moldes do Capitão Pinheiro. (46) Buscam também, com esta campanha, desmoralizar a FUNAI, para que seja extinta na localidade, o que permitiria o trânsito livre deles nas terras indígenas, que bem ou mal, continuam a ser garantidas pela presença deste órgão federal.

Deste jogo, participam também outras categorias da sociedade circundante como os pequenos proprietários, pequenos e médios comerciantes. Usam ainda a política de jogar o índio contra a FUNAI, além de induzi-lo ao não trabalho nos projetos desta. (47)

A nível de saúde, pudemos levantar alguns dados nos arquivos do posto indígena, e que a meu ver são bastante incompletos. Só para se ter uma idéia, estivemos observando o trabalho do enfermeiro de Água Boa, que dizia registrar em fichas todo o seu atendimento. Quando fomos verificar, não havia praticamente nada. Daí, tornar-se impossível um quadro preciso dos tipos de doenças ocorridas e da mortalidade.

Pelos relatórios e pelas entrevistas que realizamos com os indígenas, as doenças mais comuns são a verminose, a coqueluche, a desnutrição, a desintéria, o sarampo e a desidratação. Estas últimas provocando surtos de tempos em tempos, que chegam até à capital através dos jornais.

Nas conversas que tivemos com o enfermeiro de Pradinho (já morto), este nos disse que anualmente, por volta de julho, há o surto de uma febre, que ele não sabe diagnosticar o que seja e porque acontece.

Tivemos relatos de que os funcionários do posto, as vezes deixam de levar indígenas à cidade para atendimento médico, para economizar a gasolina, que será utilizada para seu passeio semanal à cidade.

Na segunda etapa do trabalho de campo, uma índia com hemorragia, só foi levada à cidade, após a recomendação da estagiária de que se ficasse ali morreria.

Acrescente-se ao quadro, a fome, quando a seca impede as colheitas; e a desnutrição infantil provocada por um lado, pela inadaptação das mães a regimes alimentares diferentes da amamentação para crianças até dois anos de idade, e pelo outro, pela caça. Sobre este assunto falaremos mais detidamente no item 5.

Os Maxakali, pois, estão à mercê da política indigenista oscilante, incompetente e ineficaz da FUNAI, caracterizada por uma ação conivente com os aproveitadores brasileiros e até espoliativa das terras e dos seus próprios protegidos por parte dela mesma, em decorrência da ação de seus funcionários<sup>(48)</sup>, o que reproduz nos dias de hoje a análise de Rubinger para 1962 e 1963, quando dizia: "(...) sua assitência ao índio não passa de um esbulho e um engodo. Sem falar nas doenças, os índios têm sido vítimas da cachaça, 'ótimo' instrumento de contraprestação numa desumana espoliação econômica, (...) sem falar nos diversos assassinatos de índios por nós registrados (...)."

Entretanto, qual é a reação dos indígenas a este quadro?

De uma certa forma, manipulam a situação continuando a sua vida própria (dentro do possível) à parte das relações e brigas que se desenvolvem ao redor e com eles mesmos. Continuam a trabalhar em suas roças familiares de subsistência - o que lhes garante a meu ver a sua sobrevivência -, recusam-se a trabalhar por pouco dinheiro (no que recebem a pecha de preguiçosos), recorrendo ao roubo e ao artesanato nos momentos de maior penúria. Afirmam a sua autonomia quando se recusam a trabalhar para a FUNAI, num processo que foge inteiramente aos padrões tribais.

Como se apresenta hoje, após todos os problemas que passaram, e, apesar de todas as dificuldades enfrentadas cotidianamente, a estrutura demográfica Maxakali?

#### 4. A DINÂMICA POPULACIONAL E REPRODUÇÃO SOCIAL

##### 4.1 - Pirâmide Etária

Havíamos dito, que faríamos uma análise monográfica, que terminou sendo também sincrônica, dadas as dificuldades apontadas na introdução:

Assim, trabalharemos com os dados coletados em 1984, buscando uma explicação para o que nos demonstrar com a história e cultura. As confirmações em termos de evolução do quadro, dependerão de análises posteriores.

Na pirâmide etária conseguida, (Tabela 1 e Figura 1) podemos observar uma estrutura semelhante à do Brasil e demais países subdesenvolvidos, ou seja, achatada e com uma concentração muito grande na base.

A população de 0 a 10 anos representa 37,8% da população, ou seja, 1/3 da população está concentrada nas idades menores de 10 anos.

Podemos visualizar, ainda, uma baixa expectativa de vida da população, com um número reduzidíssimo de elementos no seu vértice.

##### 4.2 - Estrutura etária por sexo

A análise da estrutura etária de uma comunidade é importante para o conhecimento não somente da força de trabalho, como também

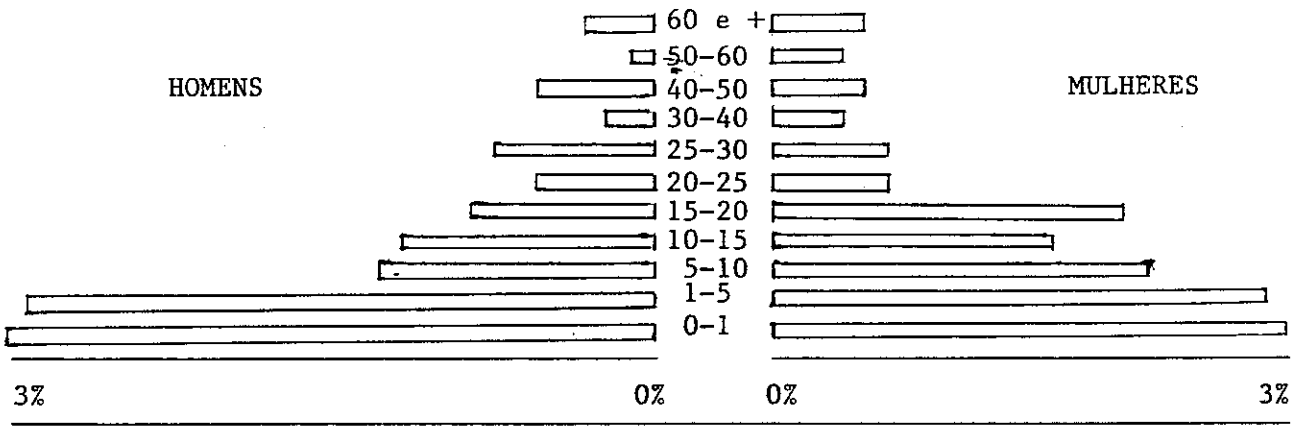
TABELA 1

População por faixa etária e sexo

FAIXA ETÁRIA	S E X O		NS e NR	TOTAL
	MASCULINO	FEMININO		
0 + 1	15	11	-	26
1 + 5	54	42	1	97
5 + 10	29	39	4	72
10 + 15	28	30	-	58
15 + 20	20	37	-	57
20 + 25	12	13	-	25
25 + 30	18	12	-	30
30 + 40	9	15	-	24
40 + 50	13	10	-	23
50 + 60	3	8	-	11
60 e +	8	11	-	19
NS e NR	40	34	-	74
T O T A L	249	262	5	516

FIGURA 1

Índios Maxakali  
Pirâmide etária  
1984



Obs.: Como as faixas etárias são, com os dados disponíveis, desiguais, cada barra horizontal desta pirâmide teve seu tamanho corrigido na proporção inversa do número de anos de cada faixa, para que se resguardasse a comparabilidade gráfica.

*[Handwritten mark]*

da capacidade reprodutiva do grupo, através do estudo das possibilidades de formação de famílias.

Numa sociedade monogâmica o número possível de uniões conjugais tem alta correlação com o equilíbrio entre os sexos, nas diferentes faixas etárias da população.

Como poderíamos trabalhar com este dado em diferentes tipos de sociedades (as indígenas, por exemplo), onde as formas de matrimônio possuem uma grande variedade, e, sendo mesmo introduzidos modos diferentes à unidade ideal como maneira de superar desequilíbrios demográficos? (49)

Vejamos o caso Maxakali.

Aqui, a "razão de sexo" (50) é de 95%, ou seja, um índice de masculinidade inferior a 100%, o que significa um desequilíbrio entre os sexos, com predominância de mulheres.

Para melhor entendimento da reprodução entre os Maxakali, o índice de masculinidade foi calculado para a faixa etária acima de 11 anos - idade limite observada para o relacionamento sexual entre a população. O índice de masculinidade nesta faixa de idade se mostrou ainda menor, apenas 89%, o que pode, em parte, ser influenciado pela maior longevidade das mulheres.

Calculando-se o mesmo índice para os homens de faixa etária acima de 15 anos, - pois os homens casam-se acima desta faixa, enquanto as mulheres acima de 11 -, (51) chegamos a um índice menor ainda, 72%, mantendo, pois o desequilíbrio quando se considera a idade reprodutiva "de fato", para ambos os sexos.



Este, no entanto, pode ser recuperado, por formas de casamento como a poliginia sororal, assim como pela reinterpretação das regras de casamento para superar déficits causados pelas epidemias. (52)

Tal fato, demonstraria a existência de um fator endógeno (53) à estrutura tribal, que compensaria o desequilíbrio entre os sexos, acrescido, ainda, da alta taxa de fecundidade das mulheres, sobre a qual falar-se-á mais adiante.

#### 4.3 - Razão de dependência

A razão da dependência é definida pelo quociente entre a população dependente e a população potencialmente ativa, o que nos daria para os Maxakali, 49% segundo os cálculos convencionais (54), ou seja, a metade de população.

A razão de dependência não é um indicador real porque superestima a dependência por não levar em consideração a entrada prematura de jovens na força de trabalho, principalmente na zona rural onde a criança já participa das atividades domésticas e do trabalho no campo.

Para indígenas seria, a meu ver, menos real ainda dada as características das relações econômicas e sociais diferentes das nossas. No caso Maxakali, levando em consideração o fato do início das atividades sexuais das mulheres já a partir dos 11 anos de idade, optou-se em considerar como população potencialmente ativa os indivíduos situados nas faixas etárias acima de 10 anos, uma vez que os dados estão agrupados na última faixa "acima de 60 anos" e são pouco significativos.

Obtém-se uma nova razão de dependência de 38%.

A Tabela 2, apresenta a situação conjugal por grupo indígena, e, de sua observação constata-se dois fatos importantes para a nossa análise:

1. que a maioria, 61,7% da população maior de 11 anos são casados;
2. que embora a comunidade Maxakali seja um tipo de população aberta, a miscigenação entre eles e outros grupos e com os "civilizados" é muito pequena (ou inexistente), sendo de apenas 3,7% o número de habitantes não Maxakali encontrados na área.

Analisando-se, em separado, a situação conjugal dos homens maiores de 11 anos por faixa etária (Tabela 3), constata-se que 64,2% do total dos homens são casados, o que é uma taxa bastante significativa, e, que a maior incidência de homens casados está na faixa de 25 a 30 anos, representando 15,4% do total de homens casados.

Como a faixa etária de casamento para os homens é acima de 15 anos, eliminou-se a primeira faixa etária, conseguindo-se uma taxa de 78,9% de casados e 10,6% de solteiros.

Deve-se observar também, o elevado índice de não resposta ou não sabe, que para estas variáveis é de 4,6%. Ele pode ser indicativo da dificuldade entre o entrevistador e o grupo em estudo, mas pode ser também dada pela inadequação da formulação da pergunta em termos de casado, solteiro, viúvo ou, como produto da situação de contato, o entrevistado envergonhar-se da sua forma tribal de matrimônio, retraindo-se às perguntas.

Na Tabela 4, vê-se que a situação conjugal das mulheres maiores

de 11 anos revela uma dispersão mais ampla entre as categorias. Embora seja maior o contingente de mulheres casadas, 59,4%; o percentual de mulheres solteiras é também bastante significativo, 23,5%. O percentual mais significativo de mulheres casadas está na faixa de 15 a 20 anos (24,7%) e, os intervalos de 10 a 20 anos agregam 85% das mulheres solteiras.

Ainda em relação à situação conjugal das mulheres, observa-se o percentual de viúvas (9,4%), que é uma decorrência da longevidade feminina. Também é interessante observar que o percentual de não resposta ou não sabe é menor do que no caso dos homens.

#### 4.4 - Natalidade

A taxa bruta de natalidade dos Maxakali é altíssima, de 50,4 por mil no ano de 1984,<sup>(55)</sup> superior à taxa bruta de natalidade calculada por Carvalho<sup>(56)</sup> para o Brasil na década de 1960-70, que é de 42,3 por mil, e, mais próxima da taxa bruta do Nordeste que é de 52,9 por mil (Tabela 5).

Como taxa de natalidade é um dos elementos que determina o crescimento vegetativo da população (conjuntamente com a mortalidade), tem-se um indicativo da existência de uma força positiva, agindo no sentido de expandir a população pelo surgimento de novos elementos.

Popovich afirma que um dos valores Maxakali é a alta natalidade, para garantia de sobrevivência.<sup>(57)</sup>

#### 4.5 - Fecundidade

O desempenho reprodutivo de uma mulher, ou de um grupo de mu-

TABELA 2

Situação conjugal por grupo indígena  
(maiores de 11 anos)

GRUPO INDÍGENA	SITUAÇÃO CONJUGAL				NS NR	TOTAL
	CASADO	SOLTEIRO	VIÚVO	SEPARADO		
Maxacali	181	79	21	9	12	302
Maxacali + outro	-	1	-	-	-	1
Outro grupo	3	-	-	-	-	3
Outro grupo + civilizado	2	-	-	-	-	2
Só civilizado	6	-	-	-	-	6
NS e NR	6	-	-	-	1	7
<b>T O T A L</b>	<b>198</b>	<b>80</b>	<b>21</b>	<b>9</b>	<b>13</b>	<b>321</b>

A

Tabela 3

Situação conjugal dos homens maiores de 11 anos, por faixa etária.

FAIXA ETÁRIA	SITUAÇÃO CONJUGAL				NS NR	TOTAL
	CASADO	SOLTEIRO	VIÚVO	SEPARADO		
10 + 15	-	27	-	-	1	28
15 + 20	11	8	-	-	1	20
20 + 25	12	-	-	-	-	12
25 + 30	15	2	-	-	1	18
30 + 40	8	-	1	-	-	9
40 + 50	11	-	1	-	1	13
50 + 60	3	-	-	-	-	3
+ de 60	6	-	2	-	-	8
NS - NR	31	3	1	2	3	40
T O T A L	97	40	5	2	7	151
%	64.2	26.6	3.3	1.3	4.6	100.0
% só acima de 15	78.9	10.6	4.1	1.6	4.8	100.0

h

Tabela 4

Situação conjugal das mulheres maiores de 11 anos,  
por faixa etária.

FAIXA ETÁRIA	SITUAÇÃO CONJUGAL				NS NR	TOTAL
	CASADO	SOLTEIRO	VIÚVO	SEPARADO		
10 + 15	5	23	-	-	2	30
15 + 20	25	11	-	-	1	37
20 + 25	10	2	-	-	1	13
25 + 30	9	2	1	-	-	12
30 + 40	9	1	2	3	-	15
40 + 50	9	-	1	-	-	10
50 + 60	4	-	4	-	-	8
+ de 60	4	-	6	1	-	11
NS - NR	26	1	2	3	2	34
T O T A L	101	40	16	7	6	170
%	59.4	23.5	9.4	4.1	3.5	100.0

14

lheres que já completaram o período reprodutivo, pode ser medido pela taxa de fecundidade.

Entre os Maxakali, como já foi dito, convencionou-se que o período reprodutivo está compreendido entre os 11 e os 49 anos completos.

A taxa obtida para a população de mulheres no período fértil, no ano da pesquisa foi de 17,2. A proporção de mulheres em idade fértil é de 29%, mas há que se considerar fatores que interferem numa gestação tais como: a constituição física da mulher e sua idade, problemas de saúde e desnutrição, excesso de trabalho pesados e componentes emocionais ou psíquicos durante a gestação, que podem afetar a probabilidade de um nascimento vivo. (Tabela 5.)

Na Tabela 6, onde tentou-se avaliar a nati-mortalidade, tivemos um número de filhos nascidos mortos baixo, 16, para um total de 170 mulheres entrevistadas; sendo alto o número de não sabe e não respondeu. Podemos verificar ainda que este índice de NS, NR, é mais alto para as faixas etárias compreendidas entre 10 a 15 e 15 a 20 anos.

O que poderíamos dizer em relação a estes dados, é que a formulação correta da pergunta na língua Maxakali só foi aprendida quando iniciamos as entrevistas na aldeia de Pradinho, quando já havíamos concluído a pesquisa em Água Boa.

As mulheres mais novas em geral, mostravam-se mais reticentes e retraídas com as perguntas.

Tabela 5

Mulheres que tiveram filhos nascidos vivos nos últimos 12 meses, por faixa etária das mulheres maiores de 11 anos.

FAIXA ETÁRIA	Nº DE MULHERES COM FILHOS NASCIDOS VIVOS	NS - NR MULHERES	NSA SOLT., VIÚVAS, ETC.	TOTAL DE MULHERES
10 + 15	1	17	12	30
15 + 20	8	17	12	37
20 + 25	3	5	5	13
25 + 30	2	2	8	12
30 + 40	2	6	7	15
40 + 50	1	4	5	10
50 + 60	-	3	5	8
+ de 60	-	6	5	11
NS - NR	9	19	6	34
T O T A L	26	79	65	170



Tabela 6

Número de mulheres sem filhos nascidos mortos, com filhos nascidos mortos e número de filhos nascidos mortos, por faixa etária das mulheres.

FAIXA ETÁRIA	NÚMERO DE MULHERES					Nº DE FILHOS NASCIDOS MOR- TOS POR FAI- XA ETÁRIA DAS MÃES
	NENHUM FILHO NASCIDO MORTO	COM FILHOS NASCIDOS MORTOS	NS NR	NSA	TOTAL	
10 + 15	1	-	17	12	30	-
15 + 20	17	2	18	-	37	2
20 + 25	7	1	4	1	13	1
25 + 30	10	-	-	2	12	-
30 + 40	10	2	3	-	15	3
40 + 50	5	2	3	-	10	2
50 + 60	6	1	1	-	8	4
60 e +	8	1	2	-	11	3
NS - NR	17	1	15	1	34	1
T O T A L	81	10	63	16	170	16

#### 4.6 - Fecundidade específica por idade

Observando as taxas de fecundidade específica por grupos etários, (Tabela 7) ela é maior nas faixas de 15 a 20 e de 20 a 25 anos, com os valores respectivos de 21 e 23 nascimentos em cada 100 mulheres, com uma média de 13,8% filhos por mulher, considerando-se todas as faixas, média essa que, evidentemente, é afetada pelos valores baixos do primeiro grupo.

A curva da fecundidade específica por idade é mostrada no Gráfico I. (58)

#### 4.7 - Fecundidade total

A taxa de fecundidade total (Tabela 7) é de 552,5 nascidos vivos por 100 mulheres, ou então, 5,5 nascidos por mulher, o que é uma taxa muito alta, característica de populações em expansão, a não ser que os efeitos da mortalidade infantil exerçam pressão em sentido contrário.

Esta taxa de fecundidade é semelhante à encontrada por Elza Berquó para a zona rural do Brasil (5,88) em 1970. Infelizmente, no momento, não possuímos dados para comparação com outras tribos, ou mesmo outras épocas.

#### 4.8 - Parturição

Calculando-se as parturições médias, registradas para o ano de 1984, chegamos a uma fecundidade completa para as mulheres Maxakali de 40 a 50 anos, de 6,2 filhos por mulher. (Tabela 8)

Tabela 7

Taxas de Fecundidade Específica e total por grupos etários em 1984.

FAIXA ETÁRIA	NÚMERO DE MULHERES	NÚMERO DE NASCIDOS VIVOS-1984	FECUNDIDADE ESPECÍFICA	FECUNDIDADE TOTAL
10 - 15	30	1	3,3	16,5
15 - 20	37	8	21,0	105,0
20 - 25	13	3	23,0	115,0
25 - 30	12	2	16,6	83,0
30 - 40	15	2	13,3	133,0
40 - 50	10	1	10,0	100,0
T O T A L	117	17	-	552,5

GRÁFICO 1

Curva da fecundidade específica por idade.

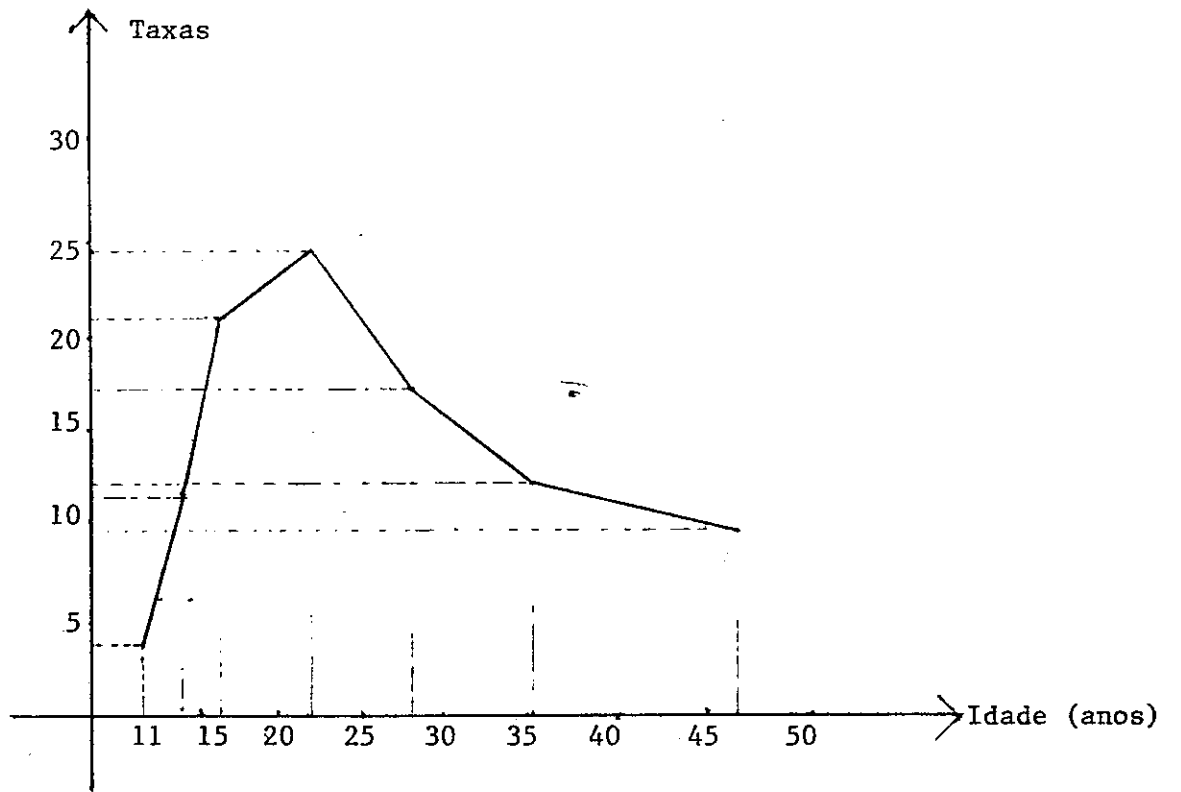


Tabela 8

Parturição

FAIXA ETÁRIA	NÚMERO DE MULHERES	TOTAL DE NASCIDOS VIVOS	PARTURIÇÕES MÉDIAS
10 + 15	30	2	0,06
15 + 20	37	25	0,67
20 + 25	13	25	1,92
25 + 30	12	31	2,58
30 + 40	15	68	4,53
40 + 50	10	62	6,2

#### 4.9 - Mortalidade

Não temos condições de trabalhar diretamente sobre a questão da mortalidade, uma vez que os dados deixaram de ser coletados conforme relatamos no item 2.

No entanto, colhemos dados sobre mortalidade nos arquivos da FU NAI no posto indígena, que para o ano de 1983 registram 30 óbitos, sendo 18 do sexo masculino e 20 do sexo feminino. Não se tem informação sobre o número exato de Maxakali em 1983, mas, tomando-se como referência a população em julho de 1984, que era de 516, e, considerando-se a "grosso modo" como sendo de 500 os habitantes em 1983, obtêm-se uma taxa de mortalidade geral altíssima, da ordem de 76 por 1.000 habitantes. (59)

Por outro lado, sem oferecer dados quantitativos, Popovich afirma que a mortalidade infantil é alta. (60)

Pelos nossos dados sobre saúde, inferimos que a afirmação deve ser verdadeira, uma vez que as doenças apontadas são todas características de uma ineficiência de ação que afeta particularmente, as primeiras faixas de idade.

## 5. ANÁLISE

Estima-se para o Brasil, à época da descoberta, uma população indígena de três a cinco milhões de habitantes, que estão atualmente por volta de duzentos e poucos mil índios. (61)

Segundo Alcida, quando a Antropologia no Brasil inicia os trabalhos de campo, a feição demográfica seria a de trinta a sessenta habitantes para cada aldeia, variando de acordo com a região e as condições de contato, o que ainda hoje se verifica.

Para Ribeiro, quando as frentes de expansão econômica, no Brasil, alcançam os grupos tribais - iniciando um contato maior entre grupos indígenas e sociedade envolvente -, estes podiam ser classificados da seguinte forma: "(...) tribos pré-agrícolas, representadas por pequenos grupos de caçadores e coletores, cada um dos quais com populações que raramente excedem de 100 pessoas; 2º) Grupos mais avançados, desenvolvendo sistemas especializados na produção agrícola, que conseguiram alcançar níveis sensíveis de expansão demográfica, com constantes incrementos populacionais" (62).

Em seu estudo, hoje clássico, realizado em 1957 sobre os efeitos quantitativos da expansão civilizadora, esta se apresentava da seguinte forma: em 1900, o número de grupos tribais era de duzentos e trinta, não havendo avaliação de seu total numérico. Em 1957, eram 140 grupos, perfazendo um total populacional de 99.700 indígenas. Desapareceram, pois, em meio século, oitenta e sete grupos tribais.

A dinâmica demográfica é discutida a partir de então, basicamente, tendo como foco de análise a situação de contato.

Teríamos pois, ainda segundo Ribeiro, três condicionantes gerais: o ecológico; o biótico; e o sócio-cultural.

Pelo primeiro, os grupos indígenas viam ser reduzidos os seus territórios, que antes eram percorridos nas atividades da caça e coleta, a uma fração mínima. A sobrevivência tornando-se possível, através de improvisações de sistemas produtivos que a nossa sociedade precisou de milênios para desenvolver. (63)

No segundo, o enfrentamento de populações com distintas entidades bióticas, e, sendo os fatores bióticos transmitidos pelos "civilizadores" mais deletérios, ocasionava reduções drásticas nos contingentes populacionais indígenas. Este fator, possuía um outro agravante, a queda da taxa de natalidade, que em casos extremos, caía a zero durante anos seguidos.

No terceiro condicionante, haveria um alto poder de coesão interna e dominação da sociedade civilizadora, que cresce e alastra-se rapidamente sobre os territórios e os contingentes tribais, configurando uma nova etnia nacional, afetando variantes sócio-culturais pelo desequilíbrio demográfico ocasionado pelas guerras, ou reduzindo o contingente populacional de tal forma - mesmo através da atitude amistosa -, que torna insuficiente o número de sobreviventes para a operação mínima da cultura.

Ao final, continuando com Ribeiro, os grupos passando de isolados a contato intermitente e permanente até chegar a integrados, apresentariam "(...) certa estabilidade demográfica e mesmo, em alguns casos (...) sensível incremento populacional". (64)



Por outro lado, como fonte de explosão demográfica, teríamos a proteção do órgão oficial - SPI ou FUANI -, pela qual "(...) a população indígena brasileira não (estaria) condenada ao desaparecimento, enquanto contingente humano, (estando) sua sobrevivência e seu incremento na dependência direta da assistência que lhe (fosse) assegurada". (65)

Falando especificamente da dinâmica demográfica Maxakali, estes, parecem estar em primeiro lugar, ao lado dos grupos que alcançam níveis sensíveis de expansão demográfica, pois, desde 1786, temos relato de sua população exceder a centena. Os períodos de depopulação, que podem ser consequência dos efeitos dos condicionantes já referidos e, dos quais falaremos mais, parecem ter sido superados, também baseando nos dados históricos, pois ao final do século passado Ottoni os avalia em 1.000. (66) O que tal fato demonstra, é a possibilidade de historicamente, este contingente populacional estar reagregando-se continuamente, o que possibilita a sua sobrevivência até hoje, com uma taxa populacional acima da média para os grupos indígenas.

Temos, pois, uma coesão interna do grupo, não computada pela literatura.

Em relação à restrição do espaço geográfico, acredito que o relato do item 3, mostra-nos claramente a redução ecológica que permeia toda a sua história, até a sua concentração atual nos últimos aldeamentos de Pradinho e Água Boa.

Já dissemos, que houveram duas formas de contato destes indígenas com a sociedade envolvente. De interdependência e fuga. Os primeiros ou desapareceram ou desagregaram-se vindo unir-se aos segundos que restaram até o início do século atual.

Rubinger, é quem vai nos dar a explicação da possibilidade de sobrevivência dos segundos, ao tecer considerações sobre a área do vale Médio Jequitinhonha, onde inserem-se os Maxakali atuais.

Diferentemente do Alto Jequitinhonha, zona de mineração de ouro e de diamantes, onde os indígenas ali localizados foram deslocados, dizimados e escravizados; a área de grandes latifúndios de baixa densidade demográfica (12 h/Km<sup>2</sup> e, em alguns lugares, menos do que isto),<sup>(67)</sup> apresentando lugares de refúgio para os indígenas.

Anteriormente aos extensos latifúndios a área passou por uma frente extrativa de poaia, madeira e peles que "... mal chegou a atingir o núcleo da região, onde se refugiaram os índios", e por uma frente pastoril de lavoura reduzida.<sup>(68)</sup>

Sendo a principal atividade econômica a pecuária, com uma lavoura ocupando menos de 6% da área produtiva, temos aí um fator explicativo para a preservação dos grupos indígenas que ali se refugiaram, entre os quais os Maxakali.

Segundo Ribeiro, uma frente pastoril atenua a violência da frente extrativa porque: "... ao criador não interessa o concurso do índio como mão-de-obra e sobretudo, porque se constituía em sociedade melhor estruturada, que crescera vegetativamente, não carecendo de mulheres índias (...) Nesses sertões, o fulcro das discórdias estava na posse da terra que o criador queria limpar dos ocupantes humanos para encher de gado...<sup>(69)</sup>

No caso presente, no entanto, nem o último problema se apresentou de imediato, porque o grande latifúndio não necessitava de áreas que em alguns casos sequer conhecia. Somando-se ao fator

econômico o geográfico, este facilitava "... ao gentio a defesa contra as agressões dos aventureiros e caçadores de índios. (70)

Acrescentando a estes fatores a migração e a coesão interna que reagrupa grupos dispersos, temos o incremento populacional necessário para que o grupo se refaça e sobreviva aos níveis atuais.

Um pouco antes de 1941, quando se funda o Posto do SPI, a penetração baiana acentua-se, como já foi dito, iniciando-se um processo de fragmentação do latifúndio, das terras indígenas e devolutas.

A pecuária agora, deseja o reduto final Maxakali, e começa a se delinear o jogo, que ainda hoje persiste, apesar da FUNAI, de enganos e sofismas para tentar tomar, ou quando isto não é possível (pela situação de reserva indígena), utilizar as terras seja através de arrendamentos, roubo de madeiras, demarcações ambíguas ou mesmo invasão pura e simples das terras pelo gado dos fazendeiros.

Por um outro lado, segundo Rubinger, que confirmaria a colocação de Ribeiro, os Maxakali sobreviveram a este desafio, à custa da capacidade de transformação do seu sistema econômico, ou seja, de povos semi-nômades, caçadores e coletores, com agricultura incipiente, tornam-se agricultores sedentários, no que lhes resta do seu antigo território.

Os condicionantes bióticos afetam-nos também, durante todo o decorrer da sua história, chegando ao nível mínimo de 10 a 15 indivíduos em fins da primeira década no século atual, logrando a partir daí, um crescimento contínuo até hoje.

Com a criação do posto do SPI, atual FUNAI, o aumento populacional, se apresenta negativo (Quadro 1), pois se em 1939 encontramos 140 indígenas, de início, em 1942 vamos ter 59.

O que teria ocorrido? Não temos dados.

A hipótese que levanto seria a de uma dispersão (Por desconfiança? Como no momento da transferência para Água Preta onde só permanece Mikael e família extensa na aldeia?), seguida de um retorno mais acréscimo de imigrantes, que proporcionaria o número de 185 indígenas em 1957.

Se a proteção oficial por um lado, garante uma certa estabilidade para o crescimento demográfico, a meu ver, pelo outro influencia diretamente nesta dinâmica, pelo tipo de proteção que oferece.

Vejamos.

A compulsão biótica que é deletéria nos tempos dos primeiros contatos, até que o grupo consiga se acomodar à nova situação continua positiva se não é alcançado um nível de saúde compatível com a explosão demográfica.

Para os Maxakali, temos altas taxas de natalidade e fecundidade, mas, por outro lado, se não acontece uma explosão compatível com tais taxas, estaria atuando aí, o fator mortalidade.

Em relação à saúde, temos uma gama de doenças tais como: verminose, coqueluche, sarampo, desintéria, desidratação e desnutrição que afetam as crianças provocando a mortalidade nos primeiros anos de vida, o que é também uma característica da população rural brasileira.

QUADRO 1 - Evolução da População (1939-1984)

- Taxas de Crescimento Populacional -

ANO	POPULAÇÃO	TAXAS
1939	140	
1942	59	- 29,0 *
1957	185	7,6%
1962	230	4,4%
1963	259	11,9%
1968	280	1,6%
1969	293	4,5%
1970	332	12,5%
1972	350	2,6%
1974	360	1,4%
1976	454	11,6%
1984	516	1,7%

Fonte: Marcato, Sonia - 1980

Mendonça, Cleonice Pitangui - 1983

(\*) Taxa média geométrica anual.

Por outro lado, temos a questão da cachaça, com reflexos na saúde, no controle da natalidade, na desagregação cultural e nas relações sociais conflitivas conduzentes à morte, tanto por questões internas, quanto pelas e nas relações com a sociedade envolvente.

Estas relações conflitivas, ainda a nível de hipótese pela condição dos dados atuais, serão as explicativas do baixo índice de longevidade dos homens, em decorrência das mortes por assassinato, tanto a nível interno quanto externo.

O controle de natalidade e o aumento da mortalidade infantil, por sua vez, seria afetado pela não condição das mulheres, em decorrência da cachaça, em não conseguir manter o intervalo de gestação entre um filho e outro, que anteriormente era de dois anos a três anos, e hoje de um ano.

Com dois, três anos - sendo que a norma para outros grupos indígenas é de quatro a cinco anos -, um filho estaria saudável e poderia ser desmamado. Hoje, após um ano, a criança não consegue sobreviver por si, e as mães não entendem os processos de cuidados infantis que a FUNAI tenta lhes inculcar de papinhas com horários marcados, mamadeiras, etc... Por outro lado, é diferente uma criança amamentada por uma mãe saudável, de outra por uma mãe afetada pela cachaça, tanto pelas suas condições físicas de saúde, quanto pelos cuidados cotidianos.

Observamos numa mãe com criança de peito, as oscilações da aparência de peso desta, antes e depois da mãe estar sob os efeitos da cachaça - o que normalmente ocorre quando a mãe sai para ir às feiras nas cidades próximas ou para viagens mais longas. Nestas viagens, a mãe se embriaga, descuidando-se da criança, que às vezes é deixada até mesmo sob um sol causticante, próxima à mãe prosternada pela bebida.

A alta natalidade e fecundidade encontrada, por sua vez, seriam atestatórias de uma superação a nível psicológico, das consequências deletérias do contato secular que mantêm com nossa civilização, e que lhes reavivou a vontade de viver. Após a epidemia de varíola e sarampo que lhes reduz o contingente populacional a um número ínfimo no século atual, os homens pensam em acabar com a vida, tendo sido reanimado pelas mulheres. (71)

## 6. CONCLUSÃO

Temos nos orientado na formulação e análise da dinâmica populacional Maxakali pelo trabalho pioneiro de Ribeiro, que enfoca a questão sob o prisma da situação de contato.

Analisando a estrutura demográfica de 13 grupos indígenas - particularmente no que se refere às condições bióticas -, subdivididos em três agrupamentos, segundo padrões estruturais e tempo de contato distintos, pouco mais de um ano de contato para o primeiro grupo; após quarenta anos de convívio para o segundo; e de mais de um século para o terceiro, o autor encontra para o primeiro grupo: "(...) uma baixa longevidade que se exprime na reduzida porcentagem de maiores de 40 anos e pelo predomínio de jovens na população total"; para o segundo: "(...) classes etárias proporcionalmente equilibradas e com altas porcentagens de menores de nove anos, indicativas de grupos em condições de crescimento; e, para o terceiro: "(...) o predomínio de indivíduos maduros o que revela uma população estabilizada". (72)

O que tal análise nos dá, seria um quadro idealizado, a meu ver, de uma evolução de contato, onde após um longo convívio, alcançar-se-ia uma meta ideal de relacionamento e, por sua vez, de sobrevivência.

O caso concreto Maxakali, tomando em questão a sua história, a sua estrutura e cultura e o seu relacionamento com a sociedade envolvente e FUNAI, nos retrata as consequências desta forma específica de relacionamento, ou seja, uma estrutura demográfica semelhante à do Brasil, como já dissemos, problemática e com o mesmo perfil de populações carentes de uma ação eficaz



do Estado. Particularmente no que se refere à área de saúde, e que nos dá uma pirâmide achatada e com uma grande concentração na base, onde a existência de indivíduos maduros, reveladora de uma população estabilizada, torna-se uma utopia no clima de permanente conflito em que estes indígenas sobrevivem.

O baixo índice de aumento populacional encontrado para o período 1976/1984, é mais realista em relação ao quadro que pudemos levantar para o presente trabalho, não desconsiderando a alta fecundidade que implica, a meu ver, numa grande vontade de sobreviver, após "superados" os efeitos mais deletérios da mortalidade por epidemias.

Acrescida das altas taxas de casamento, diria que psicologicamente, os Maxakali se equiparam de condições para sobreviver, no reduto final que lhes sobra, apesar das situações adversas que enfrentam.

E sobrevivem, ainda, apesar da busca de sua integração à sociedade nacional pela FUNAI, segundo padrões estruturais e culturais onde a miscigenação - que na literatura era tida como a consequência para o seu incremento populacional -, (73) não se verificou.

O que levantamos é a possibilidade de reagrupamentos constantes, onde se preserva a identidade Maxakali.

Temos, pois, uma situação onde não se privilegiando a questão do contato sob a percepção do que a "civilização" lhes está causando, mas sob o prisma também de como reagem à esta situação, constataríamos uma insistência pertinaz e constante da sociedade Maxakali à sua destruição e desintegração enquanto corpo físico e social.

Gostaria de tecer algumas observações de ordem metodológica sobre o problema.

As considerações que pudemos tecer sobre a dinâmica populacional Maxakali, só foi possível através da junção do método histórico e demográfico ao antropológico.

Sem a história, não poderíamos ter feito afirmações que só aparecem numa visão diacrônica, como a questão dos reagrupamentos constantes.

Com a demografia, podemos visualizar quantitativamente - o que a meu ver, dá maior peso à análises preocupadas com a questão da sobrevivência indígena -, os efeitos da relação de contato.

Por fim, com a análise antropológica, podemos perceber a nível da cultura e estrutura social, as reações e as possibilidades de fazer face aos desafios do contato.

Uma análise antropológica a meu ver, pode também auxiliar a FUNAI a levar em conta as características culturais dos grupos indígenas, tornando mais eficaz a sua ação entre os mesmos, obviamente, desde que interessada na sua efetiva sobrevivência e não apenas na integração.

Apesar de havermos podido realizar certas inferências e levantar hipóteses, o presente estudo, deve por um lado, ser aprofundado com uma análise posterior para ver-se o andamento da evolução da estrutura e dinâmica populacional com os dados quantitativos, que só foram trabalhados a nível sincrônico, apesar da visão diacrônica oferecida pela história.

Pelo outro lado, deve ser aprofundado para escoimar as deficiências apontadas nas observações metodológicas.

Havíamos dito no projeto de pesquisa, que pretendíamos iniciar um levantamento da demografia indígena brasileira, oferecendo também críticas e sugestões ao IBGE de como recensear os indígenas no Brasil.

A primeira colocação soa-me um pouco pretenciosa hoje. Estes estudos já foram iniciados com Ribeiro, e atualmente, parecem estar ganhando folego com a ação da ABEP no apoio a pesquisas relativas ao tema.

Com relação à segunda colocação, parece-me que para o IBGE, e, mesmo demograficamente falando, temos dois níveis de problemas: um, se queremos tratar a questão em termos genéricos de quantos foram, quantos são, quantos serão, o que implica numa análise tipicamente quantitativa; o outro, de querermos entender especificamente o que acontece com cada grupo indígena.

Aqui as coisas se complicam, tornando-se no entanto a meu ver, mais fascinantes, pois temos que lidar com cada história e cultura, que não vão ser iguais para todos os grupos, apesar de certos condicionantes mais gerais característicos como as frentes de expansão econômica da sociedade brasileira.

Para cada caso, uma visão diacrônica nos garantiria a sua evolução e como tratar a questão de sobrevivência - que podem ser gerais em torno da questão de saúde, subsistência, proteção à ataques externos -, mas que se tornam específicos em termos de como serem trabalhados culturalmente, respeitando-se e levando em conta as diferenças étnicas.

Retomando à questão do IBGE, para se conseguir os dados quantitativos, não podemos também deixar de levar em conta as diferenças culturais. Muito da precariedade dos nossos dados, deve-se à maneira como formulamos as perguntas, que levou em conta uma postura teórica convencional.

Adaptações foram realizadas, por não especialistas em demografia, pois estes não estiveram presentes na situação de campo, que foi exígua numa perspectiva antropológica.

Para avançarmos, acredito ser necessário um maior interesse dos demógrafos pela questão, ou os antropólogos (ou a antropóloga no caso específico?) buscarem entender e trabalharem mais com a demografia, como queria Ribeiro.

Uma última pergunta.

Não estaria a FUNAI, pelo menos no caso Maxakali, agindo como uma reguladora do crescimento demográfico, cumprindo hoje o mesmo papel das Divisões Militares e das Missões em garantir a obra de colonização? (74)

NOTAS

01. Mendonça, Cleonice Pitangui - "Dinâmica Demográfica Maxakali na situação de contato", Projeto de pesquisa, UFMG, datil., 1983, pp. 9/10.
02. Em realidade, o levantamento de dados históricos que começou com o projeto acima referido, continuou através do projeto "Levantamento etno-histórico dos indígenas de Minas Gerais", e foi este que nos possibilitou dados mais precisos e que foram utilizados na presente análise. Com relação ao segundo projeto, a primeira parte foi realizada no Museu do Homem/UFMG, com financiamento da SEAC/MinC e Fapemig. A parte 1 referente aos Maxakali, já tem um primeiro relatório, devendo estar pronta a análise final em setembro. A partir de agosto/88, estamos iniciando a 2ª fase: Xakriabá, com o apoio do CNPq.
03. "Rubinger e os Maxakali", Apresentação, Catálogo da exposição, Museu do Homem/UFMG, Belo Horizonte, MG, 1987/88.
04. Ribeiro, Darcy - "Os índios e a civilização - A integração das populações indígenas no Brasil Moderno", Vozes, 1986, 5ª edição.
05. Só para se ter uma idéia, quando estivemos pela primeira vez na FUNAI em Brasília, em 1983, à procura de dados demográficos, fomos informados que todo o material que havia tido sido jogado fora, pois ocupava espaço e os funcionários não sabiam o que fazer com "aquilo".
06. Ribeiro, Darcy - "Os índios e a civilização". Civilização Brasileira, 1970, 3ª edição.  
Ottoni, Theophilo Benedicto - Notícias sobre os selvagens do Mucury, R.I.H.G., Rio: 21:191, 1858.

1

07. Na verdade, este dado é uma afirmação de Ottoni, sem uma confirmação exata em relação aos Maxakali, o que me leva a considerá-lo como uma possibilidade, dado que é uma situação genérica ocorrida entre indígenas que faziam parte do grupo caracterizado como Tapuia (do qual os Maxakali faziam parte) e, que não se entendiam com os Tupiniquins.
08. Nimuendajú, Curt. Índios Maxakali em: Textos indigenistas, Edição Loyola, p. 211.
- Rubinger, Marcos Magalhães - Maxakali, o povo que sobreviveu em: Índios Maxakali - Resistência ou Morte. Interlivros, Belo Horizonte, 1980, p. 92.
- Amorim, Maria Stella . Os Maxakali e os Brancos, também em Índios Maxakali.
- Marcato, Sônia de Almeida. O indigenismo oficial e os Maxakali (sécs. XIX e XX); também em Índios Maxakali.
- I D E M - Informe sobre os índios Maxakali, MG, em março de 1980, FUNAI (mimeo.)
- Nascimento, Neli Ferreira do. A luta pela sobrevivência de uma sociedade tribal do Nordeste Mineiro, dissertação de Mestrado, FFLCH, USP, 1984.
09. Nimuendajú, op. cit., p. 210.
10. Nimuendajú, op. cit., p. 211.
11. Saint-Hilaire, August de. Viagem pelas Províncias do RJ e MG, Ed. da Universidade de São Paulo, Livraria Itatiaia Ed. Ltda.
12. Segundo Ottoni, outros indígenas foram usados nessa guerra, como os Macuins e Malalis, entretanto: "os Machacalis são mais numerosos e aguerridos e mostravam odio inveterado contra os conquistadores, que os lançavam fora de suas terras". Ottoni, op. cit., p. 236.

13. Saint-Hilaire. Viagem pelas Províncias do RJ e MG. São Paulo, Ed. Nacional (edição Brasileira, vol. 126-A) 1983, p. 160.  
Nimuendajú, op. cit., p. 211.  
Marcato, op. cit., 3e, p. 2.
14. Nimuendajú, op. cit., p. 211.  
Ottoni, op. cit., p. 236.
15. Nimuendajú, op. cit., p. 212.
16. Amorim, op. cit., p. 99.  
Nimuendajú, op. cit., p. 212.
17. Nascimento, op. cit., p. 23.  
Marcato, op. cit., p. 3.  
Rubinger, op. cit., p. 28.  
Amorim, op. cit., p. 99.
18. Nimuendajú, op. cit., p. 213.
19. Amorim, op. cit., p. 99.  
Nascimento, op. cit., p. 23/24.
20. A população nesta ocasião seria por volta de 800 indivíduos, segundo Rubinger, que acrescenta citando Moretzsohn: "pouco antes de começar a colonização da região esses índios possuíam quatro aldeias e ocupavam um território de mais de dez léguas por dez. Uma epidemia de varíola reduziu estas quatro aldeias a uma única, nas margens do Umburanas, onde um surto de sarampo veio a fazer mais vítimas".  
Rubinger, op. cit., p. 33.
21. Amorim, op. cit., p. 98 e 99.

22. Nimuendajú, op. cit., p. 212.  
Amorim, op. cit., p. 101.
23. Rubinger, op. cit., p. 28.
24. Ribeiro, op. cit., 3ª edição, p. 259.  
Uma outra explicação para a estabilidade com grande mobilidade seria a utilizada por Rubinger baseando-se em Bearsdsley, Holder e Krieger, através do uso do conceito de padrão de comunidade em que, antes da diminuição territorial, para os Maxakali, seria do tipo "sedentário semipermanente", onde uma comunidade pode ser identificada com uma aldeia, que se estabelece em locais sucessivos, ocupando cada um deles por um período de anos. A população é estável e continuamente sedentária, mas consegue ser assim somente movendo a aldeia periodicamente." Rubinger, op. cit., p.29.
25. Amorim, op. cit., p. 99.
26. Segundo Ottoni: "É tradição constante que antes da introdução da escravatura africana, o tráfico dos indígenas se fazia em Minas de um modo atroz quanto é possível", op. cit. p. 193.
27. Marcato, op. cit., p. 3.  
Almanaque Administrativo Civil e Industrial da Província de MG, 1873, p. 356.
28. Em realidade, a situação é mais complexa ainda. Na exposição que o Museu do Homem/UFGM realizou sobre "Rubinger e os Maxakali", tivemos o depoimento de um Maxakali, professor de música do Palácio das Artes, de que o seu pai retirou-se com a família da região em que habitavam para não serem mortos pelos fazendeiros. Durante toda sua vida, foi



socializado para esconder a sua identidade, pois os fazendeiros poderiam fazer alguma ligação com o restante da família que permaneceu no interior e matá-los. Ele chorava copiosamente após ouvir os cânticos religiosos Maxakali, e só conseguiu escrever e relatar o depoimento após um certo tempo. Quantos indígenas escondem ainda hoje sua identidade?

Quando estivemos na região próxima aos Krenak em Resplendor, tivemos também depoimentos de pessoas que nos afirmavam haver muitos indígenas que escondiam a sua identidade, sendo mão-de-obra para os "brancos".

29. "O primeiro contato entre os habitantes do povoado - São Sebastião do Norte, atual cidade de Machacalis - e os índios se deu no ano de 1914, quando um grupo de 14 silvícolas Maxakali penetrou no povoado, armados de arco e flechas e pintados de urucu. Tais índios já mantinham frequentes contatos com o senhor Joaquim Fagundes Martins, funcionário do governo, sediado em 'Quartéis' (Joaíma), razão pela qual falavam então algumas palavras do idioma português ...). Nascimento, op. cit., p. 24.
30. Amorim, op. cit. p. 100.  
Nascimento, op. cit., p. 24.
31. Nimuendajú, op. cit., p. 215.
32. Rubinger, op. cit., p. 33.  
Nimuendajú, op. cit., p. 215.
33. "A terra, apesar de ligeiramente acidentada, era ótima para a lavoura. Os ribeirões Água Boa, Pradinho e Umburanas conduzem excelente água e nunca secam.  
Hoje, porém, já dois terços desse paraíso dos índios lavradores e caçadores, que estava coberto de mata ininterrupta,

estão transformados em vastas pastagens de capim-colônia, na sua maior parte sem uma única rez pelos intrusos(...)". Nimuendajú, op. cit., p. 213.

34. "(...) desde a Fundação do Posto, isto é, desde janeiro de 1940. Naquela ocasião, foi medida uma área de 2.000 ha, ficando fora da medição o aldeamento do Pradinho, onde sempre existiu e ainda existe o maior número de índios; também não foi abrangida por aquela medição uma área de 500 ha, fronteira à sede do Posto e pertencente aos limites do referido aldeamento. Com a fabulosa valorização das terras, foram aparecendo pessoal interessado em requerê-las ao Estado, para adquirirem sua propriedade. (...) Mais tarde, apareceram outros pretendentes ao aldeamento do Pradinho, visando à parte não medida, em frente à sede do Posto, e existindo documentos de quitação das taxas de ocupação de terras devolutas cobradas pelo Estado e pelo Município; (...)". Relatório apresentado ao Chefe da 1ª Inspeção do Serviço de Proteção aos Índios (cópia), 1958.
35. Temos uma informação do Delegado da 11ª DR, Clodomiro Bloise, de que os marcos da demarcação não mais existem em 1977 e que: "esses índios encontram-se circundados por fazendeiros que de há muitos anos pretendem tomar as suas terras. Já aplicaram uma infinidade de recursos, forçando até a opinião pública e o clero a eliminá-los daquela área. Of. nº 78/11 - 11ª DR, 77, fls. 07 e 09.
- Temos os documentos, com mapa, da demarcação das duas áreas, datado de 08.06.84, com a destinação de uma área de 2.412.6902 ha para Água Boa e 1.028.3985 ha para Pradinho. O que as informações destes dois relatórios nos atestam é que a situação das terras, não se definiu em 1940, com a criação do Posto.

36. Rubinger, op. cit., p. 33.
37. Rubinger, op. cit., p. 32 e 33.
38. "Pretendem alguns civilizados, Sr. Secretário, se apossarem do último reduto de terras que ainda se encontra sob o secular domínio e posse daqueles pacíficos índios, por meio de requerimentos dirigidos a essa Secretaria, solicitando medição daquelas terras como áreas devolutas (grifo meu), sabendo de antemão que elas ali não existem, por se encontrarem ocupadas pelos índios". Of. 101 - I.R. 4 - do chefe da 4ª Inspetoria Regional do Serviço de Proteção aos Índios ao Secretário da Agricultura do Estado de MG, 8.10.1955. Ver também nota 34.
39. Popovich, Harold. "The Maxakali Indians", Summer Institute of Linguistics, 1961 (datil.)
40. Ney Land, Relatório de Viagem: Posto Engenheiro Mariano de Oliveira, 2, 3, 4 e 5 de outubro de 1964.
41. Relatório de Viagem: Maxakali-Crenaque, CNPI, 27.08.1967. Relatório de Heloísa Alberto Torres, Ministério da Agricultura, 6.08.1968 (datil.)
42. Relatório do Chefe da Ajudância Minas-Bahia, João Geraldo Itatuitim Ruas, ao Diretor do DGO, FUNAI, 1973. Correspondência ref. RD 287/11ª DR de 12.04 e RD 373/11ª DR de 11.05.76 de Clodomiro Bloise, Delegado Regional da FUNAI, FUNAI.
43. Of. do Delegado da 11ª DR citado na nota 30.
44. Nascimento, Neli Ferreira do. A falácia do Projeto de Desenvolvimento da Comunidade Maxakali, JF, junho de 1978 (datil.).  
A inoperância do maquinário foi também observada por mim em 1984.

45. "Ainda por infelicidade desses índios foram classificados no PI, um motorista na função de Prático de Agro-Pecuária e uma Professora Primária, esposa do motorista que infelizmente não possuem a mínima condição para exercerem tais funções. Só falam que vão ficar 'rico'. Como estes, existem vários outros casos. (grifos meus). Of. nº 005/11ª DR /76 encaminhando relatório Anual do Delegado da 11ª DR, Clodomiro Bloise, ao Diretor do D.G.O, 05.01.76.
46. Denúncia de fazendeiros ao Dr. Geronídio Ignácio Pantaleão, Juiz de Direito da Comarca de Águas Formosas/MG, para autuação pelo Cartório Criminal, em 13.08.1979. Relatório de Loredano Aleixo, advogado contratado, ao Delegado da 11ª DR. FUNAI, Governador Valadares, 23.05.1979.
47. Existe ainda, um tipo de relação não conflituosa entre indígenas e aqueles que os respeitam.
48. Rubinger, op. cit., p. 40.
49. Fox, Robin - Sistemas de parentesco y matrimonio, Alianza Universidad, 1976, pp. 82 e 205.  
Ramos, Alcida - Sociedades indígenas, Editora Ática, 1986, p. 58.  
Popovich, Frances Blok - "The Social Organization of the Maxakali", tese de Mestrado, Universidade do Texas, 1980, datil., pp. 75/6.
50. Medida mais comumente usada para refletir o equilíbrio entre os sexos em uma população, é definida como o número de homens que correspondem a 100 mulheres. É obtida dividindo-se o número total de homens pelo de mulheres e multiplicando-se por 100.
51. As tabelas 3 e 4 demonstram o fato das mulheres casarem-se mais cedo.

52. Métraux e Nimuendajú afirmam a existência da poliginia sororal assim como do levirato em seu artigo para o "Handbook of South American Indians". Popovich nos diz em seu trabalho de 1980 que não havia visto traços de levirato ou sororato nos anos de sua pesquisa que se iniciaram na década de 50. A autora, no entanto, fala-nos da reinterpretação das regras de matrimônio onde a forma ideal de matrimônio - o casamento com o (a) primo (a) cruzado (a) matrilateral -, é abandonado para que o grupo possa continuar procriando e sobreviver.

Métraux, Alfred and Nimuendajú Curt - The Mashacalí, Patashó, and Malalí Linguistic Families em Handbook of South American Indians, p. 544.

Popovich, op. cit., pp. 36, 75/76, 83/4/5/6/7.

53. Ribeiro fala-nos que após as reduções maciças dos primeiros contatos, alguns grupos indígenas conseguem sobreviver enquanto outros diminuem até o desaparecimento. A explicação para tal ocorrência seria dada historicamente, e, também em alguns casos, pela atuação de condições estruturais e funcionais anteriores ao contato.

Eu acrescentaria que ocorreria também, no caso, a flexibilidade dada ao sistema social através das reinterpretações, que lhes possibilita a superação das crises.

Ribeiro, op. cit., 5ª edição, p. 287.

54. Berquó considera como "população dependente", parte da população compreendida nos intervalos de 0 a 15 anos, e pessoas com mais de 65 anos de idade, e, como "população potencialmente ativa" os maiores de 15 anos e até 64 anos de idade. Berquó, Elza S. - Fatores estáticos e dinâmicos (mortalidade e fecundidade).

55. Tomou-se como último ano para a análise o compreendido entre maio de 83 a maio de 84, data do início da pesquisa, o que dificultou mais ainda a percepção das perguntas, uma

vez que o tempo é contado diferentemente para os indígenas em geral. No caso Maxakali, alguns mal começam a raciocinar em termos de anos, segundo nosso calendário, imagine a dificuldade para meses.

56. As taxas brutas de mortalidade para o Brasil de 1930-70 foram estimadas por Mortara, pelo IBGE, por I.A.M. Carvalho, T.Merrick e C. Anetex. As taxas de natalidade mais altas foram estimadas por Carvalho e são "(...) a resultante de grande heterogeneidade quando se consideram as regiões (do Brasil) separadamente. De fato, a taxa bruta (1960-70) vai desde 30,0 por mil para o Rio de Janeiro, até 52,9 por mil para o Nordeste".  
Berquó, op. cit.
57. Popovich, op. cit., p. V.
58. Deve-se levar em consideração o fato de que as amplitudes de idade são diferentes a partir da faixa de 30 anos.
59. Deve-se levar em conta o fato de não possuímos informações de como os dados foram coletados. Eles podem indicar um surto epidêmico pelas várias mortes ocorridas no mesmo período, como também podem indicar o fato do registro de óbitos ter-se efetuado após um acúmulo de casos, que só foram repassados para o livro, posteriormente, na mesma data.
60. Popovich, op. cit., p. 40.
61. Ramos, Alcida, op. cit., p. 48.
62. Ribeiro, op. cit., 3ª edição, p. 233.
63. Ribeiro, op. cit., 3ª edição, p. 271.
64. Ribeiro, op. cit., 3ª edição, p. 259.

65. Ribeiro, op. cit., 3ª edição, p. 94.
66. Deve-se fazer uma consideração em termos destes dados numéricos e dos conceitos de aldeia e tribo, que estão sendo utilizados. Uma aldeia seria uma subdivisão de uma tribo considerada globalmente. Quando Alcida fala em aldeias com trinta e sessenta habitantes, está a meu ver falando de uma subdivisão da tribo. Quando usamos um dado que fala em 1000 habitantes, imaginamos que refira-se a várias aldeias. Optamos, ainda, por utilizar o conceito de grupo indígena, por não ser possível caracterizar historicamente os contingentes populacionais Maxakali como aldeia ou tribo. Consideramos o grupo indígena Maxakali existindo atualmente, como sendo composto de duas aldeias Água Boa e Pradinho, com quatro subdivisões para a primeira e três para a segunda.
67. Rubinger, op. cit., 1963, p. 33.
68. Rubinger, op. cit., 1980, p. 21.
69. Ribeiro, op. cit. 3ª edição, p. 51.
70. Rubinger, op. cit., 1963, p. 34.
71. "Maxakali na luta pela vida", CIMI, CPT, GREQUI, Teófilo Ottoni, MG, 1984, p. 11.
72. Ribeiro, op. cit., 5ª edição, págs. 288, 296, 300.
73. A literatura e os documentos da FUNAI se por um lado, falam da miscigenação, pelo outro, mostram também a repugnância Maxakali pela mistura com elementos estranhos à sua etnia. Popovich nos afirma que a regra mais importante é a de um Maxakali não se casar com um neobrasileiro, o que lhes garante a sobrevivência física e étnica.

Extrapolando a questão da miscigenação, são também ciosos dos seus bens e de sua áreas, considerando uma família Pataxó e outra Krenak, que existiam na área em 1973, "persona non grata".

O que a meu ver, amplia-se para questões culturais. No campo, percebi que os indivíduos e as famílias que se identificam mais com os padrões de vida dos brasileiros nunca fazem parte, especialmente falando, do semi-círculo característico das casas das aldeias.

Popovich, op, cit., pág. 84.

Relatório de Viagem ao Crenak/Fazenda Guarany e Maxakali, FUNAI, 14.06.73.

74. Rangel afirma, por um outro lado, que: "Se a população indígena brasileira não fosse numericamente tão reduzida, poder-se-ia dizer que as reservas indígenas constituem-se em viveiros de força de trabalho (grifo meu). Com a dupla vantagem para o capital, de que o custo da reprodução da força de trabalho é muito baixo, uma vez que o Estado assume parte dos seus custos e a produção familiar, outra". Em escala reduzida, para a autora, é o que estaria ocorrendo nas reservas de São Paulo. O que a meu ver acontece sempre que há uma exploração da mão-de-obra indígena pelos grupos locais de cada região e pela própria FUNAI com seus projetos empresariais.

Rangel, Lúcia H. Os Kaingang no Estado de São Paulo: Constantes históricos e violência deliberada", em: Índios no Estado de São Paulo: Resistência e transfiguração. Vários autores. Editora Yaukatu (Comissão Pró-Índio de São Paulo), 1984, citado em: Penna, Túlio Carlos de França e Wong, Laura L. Rodriguez, Perfil Demográfico da População Indígena no Estado de São Paulo (Índios de Arariba, Vanuire e Icatu), Projeto de Pesquisa, s/d, datil.



GLOSSÁRIO

1. Poliginia - Casamento de um homem simultaneamente com duas ou mais mulheres.
2. Poliginia sororal - União preferencial de um homem com duas ou mais irmãs.
3. Levirato - Costume segundo o qual a viúva se casa preferencialmente com o irmão do seu finado marido.
4. Primo-cruzado - O filho da irmã do pai ou do irmão da mãe, são primos cruzados entre si.
5. Matrilateral - Descendência que se traça através do lado da mãe.

ANEXO I

Pesquisa: "Dinâmica Demográfica Maxakali na situação de Contato".

Professora Cleonice Pitanguí Mendonça.

Questionário sobre FAMÍLIA, formulado por José Eustáquio Diniz Alves.

Belo Horizonte - Maio de 1984.

QUESITOS:

Data de referência dia: mês: ano:

Pessoa:

1. Aldeia: \_\_\_\_\_

2. Nome: \_\_\_\_\_

3. Sexo:  Homem  Mulher

4. Parentesco ou relação com o chefe da família

- |                   |                  |
|-------------------|------------------|
| a. Chefe          | f. Neto          |
| b. Cônjuge        | g. Neta          |
| c. Filho          | h. Outro parente |
| Filha             | i. Hóspede       |
| d. Pais ou sogros |                  |
| e. Genro          |                  |
| Nora              |                  |

5. Data do nascimento

Dia: Mês: Ano:

Estimativa:

6. Natural de:

a. Da aldeia: \_\_\_\_\_

b. Fora da aldeia: \_\_\_\_\_

De onde? \_\_\_\_\_

7. A que grupo indígena pertence?

8. Língua:

a. Maxakali      b. Português      c. Outra

9. Situação conjugal:

a. Casado      b. Solteiro      c. Viúvo

10. Qual a idade da primeira união?

Pesquisa: "Dinâmica Demográfica Maxakali na situação de Contato".

Professora Cleonice Pitanguí Mendonça.

Questionário formulado por José Eustáquio Diniz Alves.

Belo Horizonte - Maio de 1984.

SÓ PARA MULHERES ACIMA DE 11 ANOS

1. Quantos filhos nascidos vivos teve até a data da pesquisa?
2. Quantos filhos nascidos mortos teve até a data da pesquisa?
3. Qual o mês e ano do último filho nascido vivo?
4. Quantos filhos se acham vivos?
5. Quantos filhos morreram depois de nascidos?
6. Qual a idade do primeiro filho?